

# Coloquio 4 Amazonicas

La estructura de las lenguas amazónicas: fonología y sintaxis  
del 24 al 28 de abril

## Simposios:

- Sintaxis interna del sintagma nominal en las lenguas amazónicas
  - Armonía segmental en lenguas amazónicas
- Pano-takana: morfosintaxis sincrónica y diacrónica

## Sede del coloquio:

- Auditorio de Humanidades - PUCP  
Av. Universitaria 1801, San Miguel
- Instituto Riva-Agüero  
Jirón Camaná 459, Lima

## Informes:

[amazonicas4pucp@gmail.com](mailto:amazonicas4pucp@gmail.com)  
[www.coloquio.pucp.edu.pe/amazonicas](http://www.coloquio.pucp.edu.pe/amazonicas)



©PUCP



DEPARTAMENTO DE  
HUMANIDADES  
SECCIÓN DE LINGÜÍSTICA Y LITERATURA

FACULTAD DE  
LETRAS Y CIENCIAS  
HUMANAS  
ESPECIALIDAD DE LINGÜÍSTICA Y LITERATURA

ESCUELA DE  
GRADUADOS  
MAESTRÍA DE LINGÜÍSTICA

INSTITUTO  
RIVA AGÜERO



PONTIFICIA  
UNIVERSIDAD  
CATÓLICA  
DEL PERÚ

## Simposio: Sintaxis interna del sintagma nominal en las lenguas amazónicas (I)

Francesc Queixalós  
CNRS/IRD

### El orden de los modificadores y la relación posesiva en el sintagma nominal en la lengua shawi de la Amazonía peruana

Yris Barraza  
FORMABIAP

[ybarraza58@yahoo.com.mx](mailto:ybarraza58@yahoo.com.mx)

La lengua shawi es hablada en la Amazonía Peruana, región Loreto, provincia de Alto Amazonas, por un número aproximado de 17,000 hablantes, que habitan las riberas de los ríos Paranapura, Sillay y Cahuapanas, y sus afluentes.

En esta comunicación presento las relaciones entre los dependientes y el núcleo en el sintagma nominal. Éstos pueden ser de dos tipos los que cumplen la función de modificación o determinación del núcleo y formalmente aparecen precediéndolo y los argumentos, que aparecen en la construcción genitiva.

El sintagma nominal en la lengua está formado por el núcleo y sus modificadores, gramaticales, como demostrativos y numerales, ejemplo, *kara piyapi* “tres hombres” y *ihsu nu’pa* “esta tierra”; o lexicales, adjetivos, ejemplo: *panka ni’nira* “perro grande” y nombres, ejemplo, *shawi piyapi* “persona shawi”; *tanana wa’yan* “alma del monte”. El orden que presentan estos modificadores precediendo al núcleo es: demostrativos + numerales + adjetivos + núcleo (*kara pankarun atuari* “tres gallinas gordas”).

La construcción genitiva se realiza colocando el sufijo de posesión después del nombre. En esta construcción cuando el nombre es alienable se coloca después de él la marca de dependizador {-ne} y el morfema de posesión, ejemplo, *irahpa-ne-we* “mi escopeta”. Con los nombres inalienables, que generalmente son los de algunas partes del cuerpo y los de parentesco, la relación es directa, ejemplo: *wawa-we* “mi hijo (habla de mujer)”. Hay otros nombres que forman la construcción genitiva con el morfema dependizador, o sin él, por ejemplo, *imira-ne-we* o *imira-we* “mi mano”. Si en la construcción posesiva se presenta el nombre del poseedor éste aparece precediendo al núcleo y la marca de pertenencia recae sobre este último, ejemplo: *Maria imin-ne-n* “chacra de María”.

### A Justaposição de Sintagmas Nominais em Tapirapé

Walkíria Praça  
Universidade de Brasília  
[wlkr@uol.com.br](mailto:wlkr@uol.com.br)  
[walkiria@unb.br](mailto:walkiria@unb.br)

A língua Tapirapé pertence ao subgrupo IV da família linguística Tupi-Guarani e é vivamente falada por aproximadamente 800 pessoas que vivem em duas áreas indígenas no nordeste do Mato Grosso, Brasil. Nesta língua, os nomes podem instituir núcleo de predicado sem que haja cópula ou morfologia que indique mudança de classe gramatical. Os nomes, à semelhança dos verbos, são providos de valência. Os nomes divalentes diferenciam-se dos monovalentes por necessitarem de um complemento para instituírem uma expressão completa. Formalmente, mantêm uma relação intrínseca com uma expressão referencial, que é o seu complemento interno. Neste caso, tem-se uma construção genitiva com núcleo à direita. Os nomes monovalentes não necessitam de complemento, porém podem ser modificados pelos demonstrativos e pelo pronome indefinido



{amõ}. Tanto os demonstrativos quanto o indefinido {amõ} podem anteceder ou seguir o núcleo do sintagma nominal. Os demonstrativos funcionam como adjunto adnominal. Ao antecederem o nome-núcleo, modificam-no indicando que o referente é visível no momento da enunciação, entretanto ao seguirem-no, reportam-se a um referente não-visível, delimitando suas características. O pronome indefinido {amõ}, por sua vez, ao seguir o nome-núcleo, também funciona como adjunto adnominal que o modifica. Ao anteceder o nome-núcleo, o pronome {amõ} forma com ele uma oração independente, desempenhando a função de sujeito (complemento externo) de uma oração inclusiva, enquanto o nome exerce a função de predicado (núcleo). As orações inclusivas compõem-se de dois sintagmas nominais justapostos, que também podem funcionar como um constituinte oracional. Possuem estrutura sintática diferente das demais orações com predicados nominais, pois têm dois sintagmas nominais marcados com o sufixo referenciante {-a}. A construção de orações inclusivas é também uma estratégia muito utilizada para aumentar a valência de nomes monovalentes, quando se necessita expressar a associação de um possuidor a um nome alienável. Os nomes relacionais (Queixalós, 2004), também conhecidos por classificadores genitivos (Seiler, 1995), aumentam a valência nominal e podem tanto ocupar a função de complemento externo quanto a de núcleo. Contudo, em construções com o pronome {amõ}, não se verifica aumento de valência e tal pronome assume apenas a função de argumento externo. Pretendo, neste trabalho, examinar a sintaxe da justaposição de sintagmas nominais, tanto em construções em que um demonstrativo, o indefinido {amõ} ou um nome funcionam como modificadores nominais, quanto naquelas em que os sintagmas nominais justapostos constituem um tipo de oração independente, cujas construções podem ou não aumentar a valência nominal, considerando suas propriedades semânticas.

### **The Genitive Construction in the Noun Phrase in Ninam (northern Brazil)**

Gale Goodwin-Gomez

Rhode Island College

ggomez22@cox.net

This paper will focus on the genitive construction in Ninam, a language of the Yanomami family. The data on which the analysis is based was collected in 2010-2011 in northern Brazil among speakers of the northern dialect of Ninam, known as Xiriana. Relatively little descriptive work has been published about this lesser-known member of the Yanomami language family. Ninam has the smallest number of speakers of the four major Yanomami languages. It is spoken by an estimated 1,132 people in Brazil, including both the northern (Xiriana) and southern (Xirixana) dialects. The Ninam-speaking population represents less than 6% of the total estimated 19,047 Yanomami living in Brazil. Like other Yanomami languages, Ninam has a basic SOV sentence structure, ergative marking, and complex verbal morphology. This paper will explore alienable and inalienable possession as it is expressed within the noun phrase. The basic word order of elements in a genitive construction expressing inalienable possession is clearly illustrated in the domain of kinship terms. A possessive pronoun precedes the possessed noun, which is followed by either a suffix or a clitic, depending on whether the possessor is 1<sup>st</sup>, 2<sup>nd</sup>, or 3<sup>rd</sup> person.

- |     |                    |                       |          |
|-----|--------------------|-----------------------|----------|
| (1) | ipa                | ami-ʃə                |          |
|     | my                 | older.sister-1SG.POSS |          |
|     | 'my older sister'  |                       |          |
| (2) | pĩ                 | ãmõp                  | e        |
|     | his/her            | older.sister          | 3SG.POSS |
|     | 'his older sister' |                       |          |

When a proper name is introduced, it precedes the possessive pronoun (3). Genitive constructions involving a proper noun possessor of a kinship term require both a lexical genitive (*Pefi*) and a pronominal genitive (*pĩ*) as well as the possessive clitic (*e*).

- |     |       |         |      |          |
|-----|-------|---------|------|----------|
| (3) | Pefi  | pĩ      | irip | e        |
|     | Betty | his/her | son  | 3SG.POSS |

‘Betty’s son’

In the case of the possession of a common noun (4), only the clitic *e* is used to mark possession when the head is preceded by a proper noun indicating the possessor:

(4) hehei Soweoto xakaw e nāhĩ  
this Sueldo arrow 3SG.POSS CL.bow

‘This (is) Sueldo’s bow.’

As is typical of the structure of genitive NPs in SOV languages, the possessor (noun and/or pronoun) in cases of both alienable and inalienable possession precedes the possessed noun. A less complex configuration can be seen in the case of inalienable possession of a body part (5), whereby only the possessive pronoun occurs preceding the noun and there is no accompanying possessive suffix or enclitic.

(5) pi mahko-ki-nə ʃa ro-a  
INAL.POSS knee-PL-INSTR I sit-ASP

‘I am kneeling.’ (lit. ‘sitting on/with knees’)

Thus, Ninam genitive constructions illustrate the greater complexity of structures expressing alienable possession as compared to inalienable possession, and the structural composition of genitive NPs is consistent with that found in other SOV languages. Ninam fits the known typologically expected patterns, which is interesting, since the Yanomami languages are not genetically related to any known family or stock.

### Aspectos del sintagma nominal del kichwa del río Napo, Loreto, Perú

Fernando García

FORMABIAP

fgarcia20@yahoo.com

En la presente ponencia se analiza algunas características de la sintaxis interna del sintagma nominal de la lengua kichwa hablada en el río Napo, región Loreto, en la Amazonía peruana. Especialmente se pone atención al orden modificador-núcleo que se va construyendo, según una jerarquía estricta, hacia la izquierda partiendo del núcleo, como en **chay pichka hatun sinchi sara tanta** “esos cinco grandes duros panes de maíz”. El núcleo de esta construcción es siempre un nombre. Si en la construcción concurren más de dos modificadores, éstos se ordenan según sean demostrativos, cuantificadores, calificadores u otros nombres, como se aprecia en el siguiente esquema.

<b>chay</b>	<b>pichka</b>	<b>hatun</b>	<b>sinchi</b>	<b>sara</b>	<b>tanta</b>
Demostrativo	Cuantificador	Calificador	Calificador	Nombre	Nombre
ese	cinco	grande	duro	maíz	pan

La construcción modificador-núcleo plantea en el kichwa una función clasificadora cuando los dos elementos son nombres. Por ejemplo, **allku wawa** “cría de perro” tiene como núcleo a **wawa** que se puede traducir como “cría” o “bebé”. Al hacer el cambio de orden, **wawa allku** “perro pequeño” tiene como núcleo a **allku** “perro”. El cambio de orden no es indiferente en kichwa.

Este mismo orden modificador-núcleo indica la jerarquía modificador núcleo de la construcción genitiva. Se distinguen dos sub tipos de construcción genitiva, por simple yuxtaposición de los nombres o la introducción del morfema –pa en el modificador, como en los siguientes ejemplos:

#### 1. **ñuka ushushi** “mi hija”

yo hija

## 2. **ñuka-pa ushushi** “mi hija”

yo-pos    hija

En la construcción genitiva (sabiendo que los nombres en kichwa no tienen distinción formal entre alienables e inalienables) se aprecia una interesante tendencia de usar la marca de genitivo para indicar cierta “legitimidad” en la relación de posesión. El ejemplo 1 es usado más “naturalmente” por un padre y no tanto por una madre, salvo que se trate de una ahijada de ésta o una persona a quien considera como a una hija. En cambio, es más natural que una madre use el ejemplo 2, ya que un padre lo usa cuando quiere enfatizar la legitimidad de su paternidad. Al tratarse de un objeto como el remo, **ñuka kawina** significa “mi remo (el que uso ahora)” y **ñukapa kawina** significa “remo de mi propiedad”.

### **Valencia nominal en katukina-kanamari**

Francesc Queixalós

CNRS/IRD

[qxls@vjf.cnrs.fr](mailto:qxls@vjf.cnrs.fr)

Proponho, a partir da análise do sintagma nominal contendo dois nomes com papéis semânticos de possuído e possuidor, demonstrar que nas línguas supostamente providas de classificadores genitivos (ou possessivos) 1) a classificação é uma função semântica parasítica se sobrepondo a uma função sintática que lhe é totalmente alheia; 2) não existe aposição entre os dois componentes lexicais, mas um sintagma nominal cuja estrutura interna é hierarquizada à semelhança da oração; 3) os nomes são predicados, e como tais providos de valência.

### **Sintagma de posse em Paresi-Haliti (Arawak)**

Glauber Romling

Universidade Federal do Rio de Janeiro

[glauberomling@yahoo.com.br](mailto:glauberomling@yahoo.com.br)

O Paresi-Haliti é uma língua Arawak do Sul falada por cerca de 2000 pessoas no noroeste de Mato Grosso, Brasil. Este trabalho tem como objetivo apresentar a descrição das estruturas de posse e o paralelo que sua morfossintaxe apresenta com outros fenômenos da gramática. Nenhum trabalho existente sobre a língua (Brandão, 2010; Rowan, 1979 e Silva, 2009) aborda o tema de maneira detalhada.

Os aspectos das estruturas de posse que descreveremos neste trabalho são os seguintes: (a) a obrigatoriedade ou não de argumentos (i.e valência nominal) em uma língua que apresenta três classes lexicais (alienavelmente possuíveis, inalienavelmente possuíveis e inerentemente possuídos); (b) a concordância com o argumento possuidor (i.e não-agentivo). A concordância argumental que distingue primeira pessoa do singular (-i) do restante do paradigma (-e ou -a) também ocorre em uma pequena classe de verbos inacusativos, nas passivas morfológicas e nas posições; e (c) o paradigma da flexão pronominal que selecionam. O Paresi apresenta dois paradigmas pronominais, *no-* e *na-*. Somente o primeiro ocorre em nomes e posições; já os dois podem ocorrer em verbos, sem nenhuma ligação com a transitividade.

A nossa descrição enfatiza os paralelos que há entre as estruturas de posse e as construções verbais. Propomos que a distinção entre argumentos agentes e não-agentes joga um papel tanto na forma de nominalizar verbos quanto no tipo de flexão das estruturas verbais mencionadas.

### **Referências Bibliográficas:**

Brandão, Ana Paula Barros, 2010. Verb morphology in Paresi-Haliti (Arawak). Report (Master of Arts). University of Texas at Austin.

Rowan, O. & Burgess, E.B. 1979. Gramática Paresi. SIL-AL 146.

Silva, Glauber. 2009. Fonologia da língua Paresi-Haliti (Arawak). Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ.

### **Construções nominais descontínuas e não configuracionalidade na língua Ikpeng (Karíb)**

Frantomé Pacheco

Universidade Federal do Amazonas

frantome@uol.com.br

O Ikpeng (Karíb) é a língua falada pelo povo de mesmo nome que habita a região central do Parque Indígena do Xingu (Mato Grosso, Brasil Central), com uma população de 460 pessoas. Um dos objetivos deste trabalho é descrever como se dá a configuração interna do sintagma nominal (SN) e como os diversos tipos de modificadores e quantificadores nominais podem ser interpretados do ponto de vista de sua morfossintaxe. Pode-se dizer que os sintagmas nominais, a partir do tipo de nominal que ocupa seu núcleo, podem ser divididos em, pelo menos, três tipos: 1) SN com núcleo não flexionado; 2) SN com núcleo flexionado; 3) SN com núcleo deverbalizado. O tipo (1) é representado por nominais que indicam pessoas, lugares e se referem a entidades não possuídas. Nesse tipo, não há presença de flexão de pessoa nem de sufixos que indicam posse. Incluem-se aí os nominais com marcação de posse não-especificada, em que não há possuidor expresso. O tipo (2) é representado por nominais que se referem a entidades possuídas, flexionados para pessoa e com marcação de posse sufixada às bases nominais. O tipo (3) apresenta a estrutura de um sintagma do tipo (2), mas com uma diferença: são construções deverbalizadas, funcionando como nominais modificadores de outro SN que exerce uma das funções sintáticas centrais (ou não) da oração. É o que designamos de relativa deverbal de base transitiva (cf. PACHECO, 2001 e 2009). A partir dessas informações gerais sobre os tipos de núcleos do SN, discutiremos um fenômeno associado ao ordenamento dos elementos que compõem o tipo de construção em pauta: a existência de construções nominais descontínuas, que caracterizam as línguas não configuracionais, conforme discutiu Payne (1993) para o Panare. Segundo a autora, nessa língua Karíb há evidências de que as expressões nominais tenham o mínimo de estrutura ou ordem de constituintes. Assim, existe uma flexibilidade no ordenamento dos numerais e de outros quantificadores, dos determinantes (Demonstrativos), dos modificadores nominais ou adjetivais/adverbiais descritivos, bem como dos modificadores oracionais nominalizados (oração relativa deverbal). A autora afirma que o único tipo de modificador que não varia em sua ordem é o nominal que modifica o núcleo do SN nas construções genitivas (PAYNE, 1993, p. 129). Seguindo os argumentos por ela apresentados, demonstramos que em Ikpeng as construções nominais apresentam traços de não configuracionalidade, pois os elementos relacionados ao núcleo nominal dos SNs apresentam uma relativa flexibilidade em seu ordenamento, não apenas por ocorrerem antes ou depois do núcleo, como também em diferentes posições ao longo da oração do qual fazem parte, realizando-se de modo descontínuo.

### **Los clasificadores nominales en shiwilu (Perú)**

Harold Farfán

Pontificia Universidad Católica del Perú

h.farfán@pucp.edu.pe

Esta ponencia se enmarca en de los estudios de descripción gramatical de lenguas amazónicas. La lengua que voy a analizar es el jebero, una lengua de la familia kawapana que se habla en el distrito de Jeberos, en el departamento de Loreto (Perú). El aspecto de su gramática que voy a presentar es su sistema de clasificadores, el cual categoriza a los objetos según su animicidad, constitución, tamaño y consistencia principalmente. El objetivo de mi ponencia es presentar las principales características del comportamiento morfosintáctico de estos morfemas clasificadores. Este objetivo abarca dos puntos: determinar los contextos morfosintácticos de aparición y describir el comportamiento de estos clasificadores según el contexto en el que se realicen. En jebero los

clasificadores se realizan como sufijos que se presentan opcionalmente dentro de una frase nominal en tres contextos posibles: afijados a un sustantivo (clasificadores nominales), a un modificador cuantificador (clasificadores numerales) o a uno deíctico (clasificadores deícticos). Sin embargo, en esta ponencia nos proponemos ofrecer una visión integradora de estas distintas funciones.

Además, los clasificadores de la lengua cumplen distintas funciones semánticas y pragmáticas que serán presentadas en esta ponencia. Una de las funciones semánticas es la individualización, en la que un clasificador nominal o numeral (i.e. no deíctico) especifica el significado de un sustantivo “abierto” (por ejemplo, wana ‘fierro’) en uno mucho más puntual (wana-pi ‘carro’, usando el clasificador –pi ‘grande, redondo’). Por otra parte, las funciones discursivas son cubiertas solo por los clasificadores numerales y deícticos. Estos pueden servir como elementos anafóricos que remplazan a un sustantivo ya presentado en el discurso. En este caso, basta con presentar al cuantificador o al deíctico con el clasificador correspondiente.

### **Bibliografía**

AIKHENVALD, Alexandra Y.

2000 Classifiers. A Typology of Noun Categorization Devices. Oxford: University Press.

ALLAN, Keith

1977 “Classifiers”. Language. Washington, volumen 53, número 2, pp. 285-311.

BENDOR-SAMUEL, J. T.

1981[1958] The structure and function of the verbal piece in the Jebero language. Lima: Ministerio de Educación e ILV.

GRINEVALD, Colette

2000 “A morphosyntactic tipology of classifiers”. En SENFT, Gunter (ed.), Systems of Nominal Classification. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 50-92.

VALENZUELA, Pilar M.

2008b “Acusatividad y ergatividad ‘opcional’ en shiwilu (Kawapana)”. La structure des langues amazoniennes I. Amerindia. París, número 32, pp. 205-221.

### **Clasificación nominal en ocaina (familia witoto, Amazonia noroccidental)**

Doris Fagua

SEDYL-CELIA

[dfagua@vjf.cnrs.fr](mailto:dfagua@vjf.cnrs.fr)

La clasificación nominal, entendida aquí en un sentido amplio, hace referencia a clases de núcleos, marcas de género y sufijos clasificatorios (ver cuadro *infra*). El cuadro inferior ilustra las diferentes clases de núcleo nominal; nuestra presentación se centra en las tres oposiciones mayores allí destacadas. La primera de ellas distingue los núcleos susceptibles de recibir modificadores (**sustantivos**) de aquellos que no los admiten (**pronombres**), entre estos últimos están los numerales 1, 2, 3 y los demostrativos, que no son pues analizados como adjetivos –ni como sustantivos–.

<b><u>Sustantivos</u></b>	<i>vs.</i>	<b><u>Pronombres</u></b>	
Sustantivos primarios	<i>vs.</i>	derivados y transpuestos	
Sustantivos primarios comunes	<i>vs.</i>	proprios	
Sustantivos monovalentes	<i>vs.</i>	divalentes	
<b><u>Sustantivos animados</u></b>	<i>vs.</i>	<b><u>Inanimados</u></b>	→ <i>Género</i>
<b><u>Sustantivos individuales (contables)</u></b>	<i>vs.</i>	<b><u>Genéricos y densos (no contables)</u></b>	→ <i>Número (Sufijos clasificatorios)</i>

### **Clasificación de los núcleos nominales en ocaina**

Las dos siguientes oposiciones de núcleos nominales se basan de un lado en el carácter animado y del otro en estrategias de cuantificación (ver dos últimas líneas del cuadro *supra*). Aunque cada uno

de estos tipos presenta manifestaciones morfosintácticas diferentes, ambos interactúan permitiendo distinguir clases y subclases de nombres. Existe entonces, en primer lugar, una gran división del léxico nominal según su atribución obligatoria a uno de los dos valores: *animado vs. inanimado*, cuya manifestación corresponde a marcas de concordancia externas al SN, es decir no sobre el controlador sino en el controlado. Tal clasificación binaria nos remite al **género gramatical**. En segundo lugar, la estrategia de cuantificación necesaria para referir a entidades discretas establece la distinción entre nombres *genéricos y densos*, que recurren para tal fin a los *sufijos clasificatorios*; y los nombres *individuales*, que lo hacen directamente bajo su forma radical. La cuantificación continua (sufijos diminutivo y aumentativo) por su parte neutraliza la oposición requerida por la cuantificación discreta. Así, la oposición de los núcleos en su forma discret(izad)a se refiere a lo que la tradición descriptiva designa como **marca(dore)s de clasificación nominal o “clasificadores”**. El ocaína ilustra pues la presencia en una misma lengua de esos dos sistemas de clasificación nominal, que pese a interactuar constituyen en realidad dos sistemas diferentes: *género* y *número*, respectivamente.

### Referencias bibliográficas

- CORBETT, Greville. 2006. *Agreement*. Cambridge. Cambridge University Press.  
 \_\_\_\_\_ . 2000. *Number*. Cambridge. Cambridge University Press.  
 \_\_\_\_\_ . 1991. *Gender*. Cambridge. Cambridge University Press.  
 FRANÇOIS, Alexandre. 1999. “L’illusion des classificateurs”. *Faits de langues* N° 14 : 165-175.  
 GRINEVALD, Colette. 2000. “A morphosyntactic typology of classifiers”. *Systems of Nominal Classifications*. Günter Senft (Ed.). Cambridge, CUP : 50-92.  
 QUEIXALÓS, Francesc. 1998. *Nom, verbe et prédicat en sikuani (Colombie)*. Louvain/Paris, Peeters: 26-30.  
 QUEIXALÓS, Francesc. 2005. “Posse em Katukina e valência dos nomes”. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília, Editora UnB: 177-202.  
 SEIFART, Frank. 2005. *The structure and use of shaped-based noun classes in Miraña (North West Amazon)*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics : 77-179.

### Nominal classification in Ocaína (Witotoan, Northwest Amazon)

Nominal classification, here understood in a broad sense, refers to kinds of nominal heads, gender marks and classificatory suffixes (see table *infra*). The table below illustrates the different classes of nominal heads; our presentation focuses on the three major oppositions highlighted there. The first of them distinguishes nominal heads potentially modified by a lexical class (**nouns**) and those that do not admit modifiers (**pronouns**). Among the latter are the *numerals 1, 2, 3* and the *demonstratives*; therefore, they are not analyzed as adjectives –either as nouns–.

<b><u>Noun</u></b>	<b>vs.</b>	<b><u>Pronouns</u></b>	
Primary nouns	vs.	derived and transposed nouns	
Common nouns	vs.	proper nouns	
Monovalent nouns	vs.	divalent nouns	
<b><u>Animate nouns</u></b>	<b>vs.</b>	<b><u>Inanimate</u></b>	→ <b>Gender</b>
<b><u>Individual nouns (countable) suffixes</u></b>	<b>vs.</b>	<b><u>Generic and dense (cf. uncountable)</u></b>	→ <b>Classificatory</b>

### Classification of nominal heads in Ocaína

There are two types of nominal head opposition based on animacy and on quantification strategies (see the last two rows in the table above). Although each of these forms has different morphosyntactic manifestations, both interact and allow the distinguishing of classes and subclasses of nouns. Then in the second opposition, we find the division of the nominal lexicon mandatory



attribution by one of the two values: *animate vs. inanimate*. This is expressed using agreement marks outside the NP and is not found with the controller but with the target. This binary classification brings us to **grammatical gender**. For the third opposition, the quantification strategy necessary to refer to individual entities or units makes the distinction between, on the one hand, *generic* and *dense nouns*, which use for this purpose the *classificatory suffixes*, and on the other hand, *individual nouns* that perform this function directly in their radical form. The continuous quantification (diminutive and augmentative suffixes) neutralizes the opposition required by the strategies referring to individual entities or units. Thus the opposition of the noun heads in their individual (countable nouns) or individualized (uncountable nouns) form leads us to what the descriptive tradition designates as **nominal classification marks** or “**classifiers**”. Therefore Ocaina illustrates the presence in the same language of these two systems of “nominal classification”, that in despite of interacting, actually constitute two different systems: *gender* and *number*, respectively.

## References

- CORBETT, Greville. 2006. *Agreement*. Cambridge. Cambridge University Press.  
 \_\_\_\_\_ . 2000. *Number*. Cambridge. Cambridge University Press.  
 \_\_\_\_\_ . 1991. *Gender*. Cambridge. Cambridge University Press.  
 FRANÇOIS, Alexandre. 1999. “L’illusion des classificateurs”. *Faits de langues* N°14 : 165-175.  
 GRINEVALD, Colette. 2000. “A morphosyntactic typology of classifiers”. *Systems of Nominal Classifications*. Günter Senft (Ed.). Cambridge, CUP : 50-92.  
 QUEIXALÓS, Francesc. 1998. *Nom, verbe et prédicat en sikuani (Colombie)*. Louvain/Paris, Peeters: 26-30.  
 QUEIXALÓS, Francesc. 2005. “Posse em Katukina e valência dos nomes”. *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília, Editora UnB: 177-202.  
 SEIFART, Frank. 2005. *The structure and use of shaped-based noun classes in Miraña (North West Amazon)*. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics : 77-179.

## Verbos monovalentes em função atributiva no sintagma nominal do Canela

Flávia de Castro Alves  
 Universidade de Brasília  
 flaviacastro@unb.br

O Canela é uma língua em que a subclasse agentiva dos verbos monovalentes tem S<sub>A</sub> paralelo a A, enquanto a subclasse não-agentiva desses verbos tem S<sub>O</sub> paralelo a O.

Os verbos monovalentes não-agentivos (exemplos 1,3,5) podem ocorrer em uma função atributiva no sintagma nominal (doravante SN). Neste caso, o verbo é o elemento modificador e segue o núcleo nominal (2, 4, 6):

- |     |  |                            |                                 |                                      |                            |                              |                         |
|-----|--|----------------------------|---------------------------------|--------------------------------------|----------------------------|------------------------------|-------------------------|
|     | S                                      |                            | s-V                             |                                      | S                          |                              | V                       |
| (1) | <i>ka</i>                              | <i>ha</i>                  | <i>[a-tertət]</i> <sub>SV</sub> | (2)                                  | <i>[[rəp</i>               | <i>tertət]</i> <sub>SN</sub> | <i>ma</i> <i>tẽ]</i>    |
|     | 2                                      | IRR                        | 2-tremer                        |                                      | cachorro                   | tremer                       | DIR ir                  |
|     | 'você vai tremer'                      |                            |                                 |                                      | 'o cachorro tremedor saiu' |                              |                         |
|     | S                                      | V                          |                                 | S                                    |                            | V                            |                         |
| (3) | <i>[k<sup>h</sup>ʒhʒ</i>               | <i>bitĩ]</i> <sub>SV</sub> |                                 | (4)                                  | <i>[[k<sup>h</sup>ʒhʒ</i>  | <i>bitĩ]</i> <sub>SN</sub>   | <i>pəm]</i>             |
|     | cofo                                   | ser.pesado                 |                                 |                                      | cofo                       | ser.pesado                   | cair                    |
|     | 'o cofo (tipo de cesta) é/está pesado' |                            |                                 | 'o cofo (tipo de cesta) pesado caiu' |                            |                              |                         |
|     | S                                      | V                          |                                 | S                                    |                            | O                            | V                       |
| (5) | <i>[k<sup>h</sup>ok</i>                | <i>təj]</i> <sub>SV</sub>  |                                 | (6)                                  | <i>[k<sup>h</sup>ok</i>    | <i>təj]</i> <sub>SN</sub>    | <i>woho</i> <i>jure</i> |

vento ser.forte  
'o vento está forte'

vento ser.forte folha derrubar  
'o vento forte está derrubando as folhas'

O sintagma verbal em (1, 3, 5) ocupa uma posição de SN argumental em (2, 4, 6). Podemos dizer então que nas construções em (2, 4, 6) a natureza da relação entre os dois componentes é diferente: não mais SV, mas sim SN. O sujeito ocupa a posição de núcleo do SN e o verbo a de modificador, e o nome é ao mesmo tempo modificado pelo verbo e argumento desse mesmo verbo.

Uma explicação para essas construções, com o verbo monovalente não-agentivo ocupando a posição de modificador no SN, é a possível origem nominal dessa subclasse de verbos da língua.

Embora a estratégia de relativização não seja obrigatória para os verbos monovalentes não-agentivos (9), ela é categórica para que os verbos monovalentes agentivos possam ocorrer em uma função atributiva no SN (7-8). Nessas relativas com núcleo externo, o demonstrativo *ita* segue o núcleo do SN, sendo que este último controla a co-referência na oração relativa e na oração encadeada.

(7) [humr<sub>ε</sub><sub>i</sub>                    [ita    Ø<sub>i</sub>    pur    t<sub>ɔ</sub>    ape]<sub>Relativa</sub>]SN n<sub>ε</sub>    i<sub>i</sub>-poj  
homem                    REL    3    roça    LOC    trabalhar    MS    3-chegar  
'o homem que trabalhou na roça chegou'

(8) [humr<sub>ε</sub><sub>i</sub>                    [ita    Ø<sub>i</sub>    poj]<sub>Relativa</sub>]SN n<sub>ε</sub>    Ø<sub>i</sub>    pur    t<sub>ɔ</sub>    ape  
homem                    REL    3    chegar    MS    3    roça    LOC    trabalhar  
'o homem que chegou trabalhou na roça'

(9) [rɔp<sub>i</sub>                    [ita    iʔ-mpej]<sub>Relativa</sub>]SN n<sub>ε</sub>    iʔ<sub>i</sub>-tik  
cachorro                    REL    3-bom                    MS    3-morrer  
'o cachorro que era bom morreu'

As relativas em (7-9), por serem orações que servem como modificador de um núcleo nominal, pertencem ao sintagma nominal.

### Sintagma genitivo versus sintagma lexicalizado em Guajá

Marina Magalhães

Universidade de Brasília

marinamsm@yahoo.com.br

A comunicação a ser apresentada pretende propor que o sufixo nominal *-a* da língua Guajá seja o núcleo funcional do sintagma nominal ao qual ele se anexa. A proposição de tal hipótese justifica-se ao compararmos a estrutura dos sintagmas genitivos da língua (a) com a estrutura de um tipo de sintagma nominal lexicalizado (b), como ilustrado abaixo.

a. i-ko                    r-amāj-ha-ker-a                    Ø-japo    wa'ĩ    Ø-pepe  
3-roça    R-ser.grande-NZR-RETR-N    3-fazer    babaçu    R-dentro  
'fez uma roça grande dentro do babaçual'

b. jahy    r-amāj-a                    a-japo    ta  
lua    R-ser.grande-N    1-fazer/desenhar    PROJ  
'eu vou desenhar a lua cheia (lua grande)'

No tipo de construção representada por (a) o verbo estativo 'ser grande' deve receber o sufixo nominalizador para constituir um sintagma nominal cujos componentes são sintaticamente ativos, enquanto (b) representa uma construção em que tal sufixo não está presente e, ao contrário da anterior, não é produtiva (isto é, é mais limitada).

Para explicar a coocorrência dessas duas construções, propõe-se a hipótese diacrônica de que a necessidade de tal nominalizador surgiu quando um núcleo lexical, como o representado pelo verbo estativo 'ser grande' tornou-se incapaz de constituir um sintagma nominal com componentes sintaticamente ativos. O exemplo em (b) representaria, então, um estágio em que não havia a necessidade de o sintagma nominal genitivo ocorrer com um nominalizador. Tal possibilidade de construção se perdeu como mecanismo sintático, mas foi conservado na língua como um mecanismo, ainda utilizado, de criação de novas unidades léxicas.

Assim, propõe-se que, tanto em (a) quanto em (b), a estrutura seja  $[[SN_{\text{modificador}}]-DET_{\text{núcleo}}]$ , sendo (a) uma construção genitiva mais recente decorrente de (b). De acordo com essa hipótese, a construção em (a) seria do tipo  $[[SN_{\text{genitivo}}]-a]$ , e a em (b) do tipo  $[[SN_{\text{lexicalizado}}]-a]$ .

### **Lexicalização em Mundurukú: do sintagma nominal à composição**

Dionei Gomes  
Universidade de Brasília  
dionei98@unb.br

Este é um estudo da coesão interna dos sintagmas formados por uma sequência de dois nomes em Mundurukú. A fim de mostrar como um nome assume propriedades classificadoras (NFC) e qual relação se estabelece entre ele e o nome que ele classifica, propomos uma escala de lexicalização, que identificará em que nível está localizada a sequência *nome + NFC*, comparando-a com as demais sequências e níveis. Os correlatos formais dessa escala são presença / ausência de alguns componentes internos ao sintagma, e também a acessibilidade a operações envolvendo também outros componentes da oração. Com essa escala, destacamos as propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas dos NFC frente aos nomes que **não** estejam desempenhando função classificadora. Propomos a existência de quatro níveis de lexicalização de sequências do tipo *nome+nome*. Nos três primeiros níveis, os nomes envolvidos formam um **sintagma nominal**, de tipo genitivo, cujo núcleo, um nome passível de função classificatória, é aqui tomado como tal apenas quando não participa de determinada operação morfossintática: incorporação por subida (níveis 2 e 3).

As diferenças semânticas entre os níveis também devem ser levadas em consideração na identificação do nome que está em função classificadora. Apenas quando deixa de significar nome de parte (níveis 2 e 3) é que passa a funcionar como classificador. No nível 3, um NFC forma um **composto** com um outro nome. Nível de poucos representantes, constituído de nomes de partes do corpo, sobretudo humanas, o NFC **não** forma, como nos níveis 0, 1 e 2, um sintagma nominal com o nome que acompanha, e o composto resultante é incorporado por inteiro, diferentemente do que acontece com as sequências dos demais níveis, em que só o núcleo é incorporado.

Do ponto de vista da morfologia, a escala proposta pode ser dividida em duas partes. De um lado, ficam os nomes dos níveis 0, 1 e 2; de outro os do 3. A diferença entre esses grupos está no fato de se encontrar traços morfológicos (morfema relacional) apenas nos três primeiros níveis. Essa divisão se dá porque só em 4 há composição.

Em se tratando de sintaxe interna, essa mesma divisão ocorre: os nomes presentes nos níveis 0, 1 e 2 formam um sintagma nominal, estando em relação de dependente e núcleo. Já os presentes em 3 não formam um SN, mas uma palavra composta.

É na relação entre os nomes participantes das sequências e os demais constituintes da oração (sintaxe externa) que encontramos as principais diferenças entre todos os níveis apresentados. Destacamos os fenômenos de incorporação por repetição, incorporação por subida e incorporação de toda a sequência.

A conclusão é que só os núcleos nominais presentes em 2 e 3 têm função classificadora. Em 2, não se incorporam por subida, uma vez que o seu dependente não tem autonomia para ocupar uma posição argumental. Em 3, obrigam toda a sequência a se incorporar, uma vez que passaram a compor uma nova palavra com o seu dependente, perdendo ambos a autonomia sintática.

Uma análise da semântica presente nos níveis sugere que, quando um nome se afasta de seu sentido literal, começa a ser um forte candidato a classificador.

### **Adjectival modification and compounding in Aguaruna (Jivaroan)**

Simon Overall

La Trobe University

s.overall@latrobe.edu.au

This paper addresses some questions regarding modification within the NP in Aguaruna, bringing together language internal evidence and comparative data from the closely related language Shuar. Adjectival modification of NPs is rare in Aguaruna texts – adjectives are more commonly encountered in predicative function (Overall 2007). When an adjective does appear in an NP, the typical order is [N Adj], as in (1):

- (1) [hiuqã muunta]-n amas-ta-himì  
[house big]-ACC give.PFV-IFUT-1>2.PL.DECL  
'I'm going to give you (pl.) a big house'

It is surprising, then, to see that Shuar (under the label “Jivaro”) is described as having [Adj N] order in the *World Atlas of Language Structures* (Dryer 2011, citing data from Beuchat & Rivet 1909). Turner’s (1992) sketch of Shuar grammar also describes [Adj N] ordering as typical, and notes that the postnominal position is possible but pragmatically marked (“cuando [el adjetivo] se ubica después [del sustantivo], se destaca.” p.71). How can we explain this difference between Aguaruna and Shuar?

Two further points are relevant to the issue: The first is the substantial formal overlap between the noun and adjective classes in Aguaruna, and the existence of a small set of words that can function as either nouns or adjectives (Aguaruna: *aishmaj* ‘man’ OR ‘male’; *nuwa* ‘woman’ OR ‘female’; *muun* ‘adult’ OR ‘big’; *apu* (< Quechua) ‘chief’ OR ‘fat’). Turner (1992) also mentions this possibility for Shuar, citing the root *uchi* ‘child’ OR ‘small’. In Aguaruna, the root *uchi* only has the nominal meaning ‘child’, but there does exist a cognate adjective *uchuchihi* ‘small’.

The second point of note is the construction of noun-noun compounds. Compounds are endocentric and right-headed, with the initial element modifying the head, e.g. *dapi manchi* (=snake locust) ‘a type of locust that has a venomous bite’; *shiwaj baikua* (=enemy *Brugmansia sp.*) ‘variety of *Brugmansia* (Sp. toé, floripondio) that was originally stolen from an enemy’s garden’. Compounding is well established in all Jivaroan languages, as shown by the existence of lexicalised, etymologically opaque compounds.

This paper will provide an overview of the structure of the Aguaruna NP and the role of modification. It will then suggest a historical explanation for the observed difference between Aguaruna and Shuar in the ordering of Adj and N, taking into account the highly noun-like status of adjectives and the existence of noun-noun compounds.

**Abbreviations:** ACC = accusative; PFV = perfective; IFUT = intentional future; 1>2 = first person subject, second person object; PL = plural; DECL = declarative



## References:

- Beuchat, H. and P. Rivet 1909. 'La langue Jíbaro ou Siwora' *Anthropos*. 4: 805–822, 1053–1064
- Dryer, Matthew S. 2011. 'Order of Adjective and Noun.' In: Dryer & Haspelmath (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Munich: Max Planck Digital Library, feature 87A. Available online at <http://wals.info/feature/87A> Accessed on 2011-12-11.
- Overall, Simon E. 2007. *A Grammar of Aguaruna*. PhD dissertation, RCLT, La Trobe University.
- Turner, Glen D. 1992. *Una Breve Gramática del Shuar*. Quito: ILV

### **Simposio Armonía segmental en lenguas amazónicas**

Elsa Gomez-Imbert y Heriberto Avelino  
IFEA, Lima MPI, Leipzig

#### Conferencia especial: **The Relevance of Contrast to Harmonic Participation**

Andrew Nevins  
University College London  
[a.nevins@ucl.ac.uk](mailto:a.nevins@ucl.ac.uk)

In this talk I will defend the view that the primary determinant of crosslinguistic variation in terms of the locality and participants in harmonic processes is a relativization to all-values or contrastive-values of a binary feature, presented in Nevins 2010. Naturally this requires a serious commitment to the representational apparatus of the inventory and calls on evidence from various processes. I will defend a particular view of contrast and demonstrate the applicability of this approach to nasal harmony, among other processes.

#### **Procesos de asimilación y estructura métrica en cashibo-cacataibo**

Roberto Zariquiey  
Pontificia Universidad Católica del Perú  
[rzariquiey@pucp.edu.pe](mailto:rzariquiey@pucp.edu.pe)

El cashibo-cacataibo (Pano, Perú) presenta una serie de procesos de asimilación vocálica a través de los cuales dos (o más) vocales adyacentes copian complemente sus rasgos a tal punto que, en la superficie, se realizan como una sola vocal. Estos procesos están regidos por una serie de principios que pueden ser fácilmente postulados mediante reglas sencillas. En ese sentido, los resultados de estos procesos de asimilación son predecibles (Zariquiey 2011: cap. 3). Sin embargo, un aspecto que requiere de más investigación es el valor prosódico de las unidades vocálicas resultantes de estos procesos. El cashibo-cacataibo tiene un sistema prosódico que funciona a partir de un principio métrico y que incluye un rasgo de acento y un rasgo de tono alto. Este principio opera sobre la base de sílabas. Además, en el idioma, cada vocal constituye una sílaba fonológica independiente.

En esta ponencia nos interesa estudiar la interacción entre el sistema prosódico del cashibo-cacataibo y los procesos de asimilación previamente referidos. La pregunta de investigación que nos formularemos es: ¿constituyen las unidades vocálicas resultantes de estos procesos dos unidades métricas o solamente una? Para ello, observaremos en un corpus de cien ítems léxicos (todos con procesos de asimilación) la posición del acento y el tono alto, así como la duración de las vocales resultantes de los procesos de asimilación. Dado que la posición del acento y del tono alto es predecible a partir del número de sílabas de la palabra (con pocos casos de palabras con patrones métricos irregulares; Zariquiey 2011: cap 4), dicha posición es una adecuada herramienta de control para el tema a investigar. Finalmente, la duración de las vocales asimiladas (en comparación con la duración estándar de las vocales en el idioma) nos permitirá determinar si la conducta prosódica de las unidades vocálicas a estudiar tiene, además, un correlato fonético; es decir, si el hecho de que se

comporten como una o dos unidades prosódicas encontra una correspondencia en su duración.

### **Referencias preliminares**

Zariquiey, Roberto. 2011. A grammar of Kashibo-Kakatatibo. PhD dissertation. Research Centre for Linguistic Typology. La Trobe University, Melbourne, Australia.

### **A harmonia vocálica no Latundê, uma língua Nambikwára do Norte**

Stella Telles

Universidade Federal de Pernambuco, Recife

stellatelles@hotmail.com

Este trabalho trata do fenômeno da harmonia vocálica em Latundê (família Nambikwára, ramo Nambiwára do Norte), uma língua ameaçada de extinção, falada por um grupo de menos de 30 indivíduos, localizado ao sul da Amazônia brasileira. O estudo descreve o fenômeno da harmonia vocálica, considerando o papel que esse fenômeno ocupa na fonologia do Latundê; mapeia a natureza dos traços que participam no processo; identifica o domínio de sua aplicação e avalia as consequências do fenômeno para a língua, numa perspectiva diacrônica, a partir da comparação do Latundê com dados disponíveis de outras línguas irmãs. Neste estudo, chamamos a atenção para dois tipos de processos que envolvem a harmonia vocálica no Latundê. O primeiro ocorre em raízes nominais monossilábicas que apresentam uma fricativa glotal /h/ em coda, a qual é ressilabificada com o aparecimento de uma vogal epentética que copia os traços supralaríngeos da vogal da raiz. Esse processo ocorre com raízes cujas vogais são as médias anteriores e posteriores /e/ e /o/, respectivamente, e obedece a direção da esquerda para a direita. O exemplo a seguir ilustra o fenômeno: [ˈde:he<sub>h</sub>re] /ˈdeh-te/ “espécie de abelha”. O segundo processo é variável, e a harmonia vocálica ocorre em raízes nominais e verbais dissilábicas, nas quais a vogal central baixa da primeira sílaba, sempre átona, se harmoniza com o traço de lugar [+coronal] e/ou de altura [+alto] da vogal acentuada, que ocupa a posição de núcleo da segunda sílaba da raiz, como se observa em [weˈliː<sup>n</sup>de]~ [wiˈliː<sup>n</sup>de] /waˈlĩn-te/ “tamanduá” ou [kiˈnĩː<sup>n</sup>de] ~ [keˈnĩː<sup>n</sup>de] /kaˈnĩn-te/ “espécie de roedor”. Nesse caso, a direcionalidade observada é da direita para a esquerda. Este estudo reflete os fenômenos de harmonia vocálica no Latundê respaldando-se, sobretudo, nas idéias constantes em van der Hulst e van de Weijer (1995: 389-422).

VAN DER HULST, HARRY and JEROEN VAN DE WEIJER. "Vowel Harmony." The Handbook of Phonological Theory. Glodsmith, John A. Blackwell Publishing, 1996. Blackwell.

### **Lip gestures in Karitiana**

Didier Demolin

Gipsa-lab, Université Stendhal Grenoble

didier.demolin@gipsa-lab.grenoble-inp.fr

Luciana Storto

Universidade de São Paulo

storto@usp.br

Karitiana, a language from the Tupi stock, Arikem family, spoken in the state of Rondonia in Brazil, exhibits a number of interesting phenomena concerning labial gestures involved in vowels and consonants such as the absence of lip rounding for the mid back vowel [o], the presence of bilabial approximants and unreleased bilabial nasals at the end of words. In order to establish these facts, data were collected with 4 male subjects. Measurements were made to record acoustic and video data in a set of isolated words. Results show that there is no apparent lip protrusion and no lip rounding for the mid back vowel [o] for every speaker who participated to the study. This suggests that the absence of lip rounding is compensated by a tongue position permitting to produce the acoustic output of a mid back vowel. When presented to speakers who have a high mid back vowel

in their phonemic inventory, this vowel is almost always correctly identified as [o]. This shows that a different tongue position is enough to compensate the absence of lip rounding. A comparison of lips configurations between the mid front vowel [e] and the mid back vowel [o] is presented in Figure 1. This document also permits to see the lips positions made during the production of the bilabial approximant [ʋ] adjacent to [e] and [o]. Finally the observation of many repetitions of final unreleased bilabial nasal consonants shows, with video recordings of 20 frames per second, that the lips are more pressed in this position when compared to an intervocalic realization. These observations are important to understand phonetic variations in Tupi languages and their effect on the diachrony of this language family. They also explain some phonological processes in Karitiana such as the lenition and voicing of final unreleased stops (Storto 1999).



Figure 1. Lips positions taken during the production of the Karitiana words [kooʋ] ‘sweet’ and [eʋeʋ] ‘thin’. Each frame is taken in the middle of the segments.

Storto, L. (1999). Aspects of a Karitiana Grammar. PhD dissertation, MIT.

### **Palatalización y asibilación en mehinaku (arawak)**

Angel Corbera Mori

Departamento de Lingüística

IEL-UNICAMP

angel@unicamp.br

El objetivo de la presente comunicación es describir la palatalización y asibilación que ocurren en la fonología del mehinaku, una lengua indígena con, aproximadamente, 260 individuos, distribuidos en dos aldeas: Utawana y Uyaipiyuku, localizadas a las márgenes del río Kurisevo, región del Alto Xingú, municipio de Gaucha del Norte, estado de Mato Grosso. El mehinaku es un miembro de la familia lingüística arawak del subgrupo xingvano (Aikhenvald 2001) o arawak central (Payne 1991), que junto con el waurá y el yawalapiti son las tres únicas lenguas de este subgrupo habladas actualmente en el parque indígena del Xingú, estado de Mato Grosso, Brasil.

Estudios iniciales sobre la fonología del mehinaku nos permiten postular que esta lengua tiene trece fonemas consonánticos, que contrastan de acuerdo a las siguientes características articulatorias: 1) oposición de oclusivas en los puntos bilabial /p/, alveolar /t/ y velar /k/, 2) africadas en los puntos alveolar /ts/ y post-alveolar /tʃ/, 3) fricativas en los puntos retroflejo /ʂ/ y glotal /h/, 4) nasales en los puntos labial /m/ y alveolar /n/. 5) Las líquidas se distinguen por los modos lateral /l/ y tap /ɾ/, y 6)

las aproximantes se diferencian en los puntos labial /w/ y palatal /j/. Para las vocales se reconocen cinco fonemas vocálicos orales y cinco nasales, identificados considerando la posición más alta de la lengua en sentido horizontal (anterior /i, ĩ, e, ẽ /, central /i, ĩ, a, ã/ y posterior /u, ũ/ y en la dirección vertical para indicar la abertura de las mismas (alta, media y baja).

Una característica importante de la fonología mehinaku es la palatalización de la oclusiva /p/, de las nasales /m, n/ y de la aproximante /w/, cuando están precedidos por un prefijo (C)i- que tiene como núcleo la vocal anterior alta /i/, como se ve en los siguientes dados:

(1)	a)	putaka	‘aldea’	pi-pʰutaka	‘tu aldea’
				i- pʰutaka	‘aldea de Uds.’
	b)	nu-mati-ʂu	‘mi suegra’	pi-mʰati-ʂu	‘tu suegra’
	c)	nete-i	‘piojo’	i-ɲete	‘piojo de Uds.’
	d)	wana-i	‘brazo’	pi-jana	‘tu brazo’
				ji-jana	‘brazo de Uds.’

Otro proceso, la asibilación, tiene como blancos las consonantes oclusivas /t/ y /k/ que ocurren como las africadas [ts] y [tʃ], respectivamente cuando son precedidas por el mismo prefijo (C)i- mencionado anteriormente, como se ve en los siguientes ejemplos.

(2)	a)	tewe-i	‘diente’	pi-tsewe	‘tu diente’
				ji-tsewe	‘diente de Uds.’
		nu-tulũ	‘mi oreja’	pi-tsulũ	‘tu oreja’
				ji-tsulũ-tipe	‘orejas de Uds.’
	c)	kanati	‘boca’	pi-tʃanati	‘tu boca’
				i- tʃanati	‘boca de Uds.’

En esta comunicación se considera que la palatalización y la asibilación en mehinaku comparten características comunes, pero que no podrían ser tratadas como procesos idénticos. También se mostrará que los elementos blancos son afectados no por la vocal /i/ ser el núcleo de un prefijo. Al contrario, datos adicionales muestran que la vocal /i/, tanto en el dominio de frontera como al interior de la palabra, cuando precede a los segmentos citados anteriormente, es gatillo para el surgimiento de la palatalización y de la asibilación. Para la explicación formal de estos procesos se considerará la teoría de rasgos unificados para vocales y consonantes ( Hume 1994, Clements y Hume 1995), los estudios tipológicos de Bhat (1978), Kim (2001), Hall y Mann (2003), Hall y Hamann (2006), Hall, Hamann y Zygs (2004) y Telfer (2004, 2006).

### **Armonía en muinane (noroeste amazónico)**

Consuelo Vengoechea

Universidad Nacional de Colombia, Bogotá

mcder@unal.edu.co

Elsa Gomez Imbert

Instituto Francés de Estudios Andinos

[gomezimb@univ-tlse2.fr](mailto:gomezimb@univ-tlse2.fr)

El idioma muinane (Amazonía colombiana) presenta dos procesos armónicos interesantes para el tema de este simposio: un primer proceso de copia de timbre vocálico, un segundo proceso de palatalización.

El primer proceso consiste en una copia del timbre de la primera vocal del lexema, base de la palabra, hacia la posición V de un prefijo de forma CV- que marca la persona. Las dos clases léxicas mayores, nominal y verbal, reciben este prefijo de persona. La originalidad del muinane reside en el hecho de que la armonización del prefijo depende de la clase léxica a la cual pertenece



el lexema base: cuando el lexema es verbal hay armonización mientras que cuando es nominal no la hay. Presentaremos tanto la regularidad de esta asimilación como casos irregulares que involucran las consonantes laríngeas en posición de ataque y las raíces monosílabas.

El segundo es un proceso de palatalización común a las lenguas de la familia bora, a la cual pertenece el muinane (bora, miraña, muinane). Representa un rompecabezas para las lenguas de esta familia y ha sido interpretado como un rasgo segmental, lo cual tiene por efecto un aumento considerable del inventario consonántico y la introducción de un diptongo subyacente en el inventario vocálico. En muinane, el caso más claro es la palatalización producida por otro morfema miembro del paradigma prefijal, realizado siempre como [ta] pero que palataliza la consonante inicial del lexema nominal. El blanco son las consonantes alveolares /t/ /d/ /n/ /s/ y el resultado puede ser una palatalización plena o secundaria. Este efecto indica que dicho prefijo está especificado por un rasgo palatal, aunque éste se manifieste en el morfema siguiente. Proponemos un análisis en el cual el gatillo es una especificación palatal suprasegmental. Examinamos los morfemas gramaticales y lexicales donde hay palatalidad y proponemos una interpretación global para todos estos casos. Por ejemplo, marcadores de clase palatales como son {-<sup>h</sup>ba} ‘tejido’ y {-<sup>h</sup>ga} ‘ramificado’, palatalizan algunos sufijos. Documentamos también cierto número de morfemas léxicos palatales y lo demostramos con los efectos que también generan en sufijos. Analizamos estos procesos dentro del modelo de la geometría de rasgos propuesto por Clements y Hume (1995).

### **La nasalidad silábica y la armonía nasal en Máihiki**

Lev Michael

University of California at Berkeley

levmichael@berkeley.edu

Stephanie Farmer

University of California at Berkeley

sfarmer@berkeley.edu

John Sylak

University of California at Berkeley

sylak@berkeley.edu

En esta charla, se presenta un análisis del fenómeno de nasalidad suprasegmental en el máihiki (iso 639: ore), un idioma tukano occidental hablado en la amazonía peruana septentrional, enfocándose en: 1) el estatus de la sílaba como la unidad fonológica en la cual recae la nasalidad; y 2) el proceso de armonía nasal silábica.

Los idiomas tukanos, sobre todo los idiomas tukanos orientales, son conocidos por la nasalidad suprasegmental y por sus procesos complejos de armonía nasal (Gomez-Imbert 1993: 242-243; Barnes 1999: 211-212). Ahora es común en las descripciones de las fonologías de estos idiomas analizar la nasalidad como un rasgo suprasegmental que recae en el morfema, y no en unidades más pequeñas, como el segmento. Además, es común en estos idiomas que la armonía nasal afecte los morfemas adyacentes, con el resultado de que la nasalidad afecta la palabra entera. Sin embargo, en otros idiomas tukanos, como el idioma tukano occidental koreguaje (iso 639: coe), los análisis sugieren que la nasalidad recae en unidades más pequeñas que el morfema, como la sílaba o el segmento (Dupont 1988, Cook and Criswell 1993: 7). En esta charla proponemos que en el máihiki, el cual muestra patrones superficiales muy parecidos a los que se encuentran en el koreguaje, la nasalidad es un rasgo de la sílaba, y no del segmento.

Basándonos en los análisis fonéticos, argumentamos que cada sílaba en el máihiki con características nasales se asocia con un gesto articulatorio en que se baja el velum con una duración fija, sin darse cuenta de la duración total de la sílaba, con el resultado de que la porción de la sílaba que es fonéticamente nasalizada depende de la duración total de la parte de la sílaba que puede recibir el rasgo [+nas]. Por lo tanto, las vocales en sílabas sin ataques, o en sílabas con ataques que consisten en oclusivas sordas (y que no pueden recibir el rasgo [+nas]) se manifiestan

completamente fonéticamente nasalizadas, mientras que las vocales en sílabas con ataques que consisten en oclusivas sonoras (que sí pueden recibir el rasgo [+nas]) se manifiestan levemente fonéticamente nasalizadas, dado que la mayoría del gesto de bajar el velum se realiza durante la articulación de la oclusiva sonora. Sugerimos que estos hechos respaldan un análisis en que la sílaba es la unidad fonológica en la cual recae la nasalidad, y no los segmentos dentro de la sílaba. Sobre todo, argumentamos que estos hechos eliminan un análisis en que la nasalidad se extiende del núcleo silábico al ataque, para de esta manera producir sílabas nasales.

A base de este análisis describimos la armonía nasal en el máhiki, demostrando que la nasalidad se extiende hacia la derecha dentro del morfema, de una sílaba a otra, manifestando las mismas características fonéticas de la nasalidad silábica ya descritas arriba. La armonía nasal se encuentra bloqueada por los linderos morfémicos; y por las oclusivas sordas y la oclusiva velar sonora. Sugerimos que el comportamiento de este último segmento se debe al hecho de que la /g/ del máhiki es un reflejo de la \*k del proto-tucano-occidental. Los morfemas en el máhiki generalmente son bisilábicos, y la nasalidad puede recaer en cualquiera de las dos sílabas, aunque es relativamente raro que la sílaba a la derecha manifieste nasalidad contrastiva.

Concluimos con una discusión de la nasalidad suprasegmental y la armonía nasal en los idiomas tucanos, contrastando la distribución dentro de la familia del patrón 'clásico' de la nasalidad morfé mica y del patrón más restringido de la nasalidad silábica que se encuentra en los idiomas tucanos occidentales y algunos idiomas tucanos orientales (Chacon, p.c.).

### **Bibliografía**

- Barnes, Janet. 1999. Tucano. En R.M.W. Dixon and Alexandra Aikhenvald (eds.), *The Amazonian Languages*, pp. 207-226. Cambridge University Press.
- Cook y Criswell. 1993. *El idioma koreguaje (tucano occidental)*. Bogotá: Instituto Lingüístico del Verano.
- Dupont, Carlos. 1988. Armonía nasal en la lengua koreguaje. *Cuadernos de lingüística hispánica*: 105-125. Tunja: Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia.
- Gomez-Imbert, Elsa. 1993. Problemas en torno a la comparación de las lenguas tucano-orientales. *Biblioteca Uricoechea 11*: 235-267. Bogotá: ICC.

### **Orality spreading in Aguaruna**

Simon E. Overall

RCLT, La Trobe University

s.overall@latrobe.edu.au

Rebecca Hanson

University of Calgary

[rjhansonca@gmail.com](mailto:rjhansonca@gmail.com)

This paper describes complementary processes of nasal and oral spreading in Aguaruna, a Jivaroan language of north Peru, and addresses the theoretical problems involved in analysing the data. Nasal spreading is a well-documented areal feature of Amazonian languages (Bruno et al. 2008). Orality spreading is less discussed, but see Sandalo & Abaurre (2010) for a recent analysis in these terms.

Aguaruna shows phonemic vowel nasality that is associated with a domain consisting of contiguous vowels [i, i, u, a] and glides [w, y, u]. Morphophonological alternations show that nasality is underlyingly a property of a subset of the domain, and spreads within it. Spreading is blocked by word boundaries or any non-glide consonant, but glottal [h] surfaces as nasal when adjacent to a nasal vowel.

The phonemes /m/ and /n/ have oral allophones [ᵐb], [ᵐd] that surface when followed by a sequence of oral vowels and consonants within the phonological word. This denasalisation process has a phonetic motivation in anticipatory raising of the velum, and has been described as basically optional, with some predictability based on the quality of the following vowel(s) (Payne 1978, Corbera 1994, Overall 2007). There are, however, a number of words in which the oral phones [ᵐb]

and [ʰd] are always used, suggesting phonologisation in progress (Corbera 1994). There are no clear examples of minimal pairs contrasting oral and nasal voiced stops.

Most intriguingly, there are two suffixes that always trigger denasalisation of a preceding domain, manifested in nasal vowels and glides losing their nasal quality (E1) and **obligatory** oral realisation of stops (E2, E3). Both denasalising suffixes are of the form /hV/, but regular vowel elision processes mean the vowel is often dropped, and /h/ surfaces with its syllable-final allophone [ŋ] (see Overall 2008 for details).

The two suffixes are (1) nominal suffix *-hu* marking 1sg possessor (E1, E2); and (2) verbal suffix *-ha*, one of a set of perfective aspect markers (E3).

- E1. *yãwã* ‘dog’ vs. *yawa-ŋ* ‘my dog’
- E2. *nuwa* ‘woman’ vs. <sup>n</sup>*duwa-ŋ* ‘my wife’
- E3. *niha-a-wa-i* vs. <sup>n</sup>*diha-ŋ-ta*  
 clean-IPFV-3-DECL clean-PFV-IMP  
 ‘S/he is cleaning (it)’ ‘clean (it)!’

Although both denasalising suffixes have the form /hV/~[ŋ], the effect cannot be phonologically conditioned as there are other suffixes of this form that do not trigger denasalisation, cf. *-ha* ‘1sg’ in E4.

- E4. *niha-a-ha-i*  
 clean-IPFV-1SG-DECL  
 ‘I am cleaning (it)’

Denasalisation does not feature in the other Jivaroan languages, and note that the cognate forms of the denasalising suffixes are *-ru* and *-ra* respectively; the Aguaruna phoneme /h/ results from a merger of proto-Jivaroan \*/h/ with a rhotic phoneme \*/R/ (Overall 2008). There is no obvious phonetic motivation for the suffix-triggered denasalisation, and it is especially surprising given that /h/ is associated with nasality in adjacent vowels in Aguaruna, as in a number of other Amazonian languages (Payne 2001).

The net result of the processes outlined above is that there is no simple correlation between nasality and orality in consonants and vowels. While nasal [m] and [n] always appear in the context of nasal vowels, they may also surface in the context of oral vowels. It is the oral allophones [ʰb] and [ʰd] that have a restricted distribution, and are therefore the marked forms. So the analysis would appear to require both nasal spreading and oral spreading to take account of the data.

## References:

- Bruno, A. C., F. Pacheco, F. Queixalós and L. Wetzels (Eds) 2008. *Amerindia* 32
- Corbera Mori, A. 1994. *Fonologia e gramática do Aguaruna (Jívaro)*. Unpublished doctoral dissertation, University of Campinas, Brazil
- Overall, S. E. 2007. *A Grammar of Aguaruna*. PhD dissertation, RCLT, La Trobe University.
- Overall, S. E. 2008. ‘On the non-phonemic status of the velar nasal [ŋ] in Jivaroan’ *LIAMES* 8, pp. 45–59. Campinas, Brazil
- Payne, David L. 1978. *Nasalidad en Aguaruna* (Second edition). Serie Lingüística Peruana 15, Lima: Instituto Lingüístico de Verano
- Payne, Doris L. 2001. Review of Dixon & Aikhenvald (1999) in *Language* 77(3): 594–598
- Sandalo, F. and M. B. Abaurre 2010. ‘Orality spreading in Pirahã’ *LIAMES* 10, pp.7–19. Campinas, Brazil

## Velum and glottal gestures in Kuikuro harmonic processes

Didier Demolin

Gipsa-lab, Université Stendhal, Grenoble

didier.demolin@gipsa-lab.grenoble-inp.fr

Bruna Franchetto

Museo Nacional, UFRJ Rio de Janeiro

bfranchetto@yahoo.com.br

Kuikuro, a language spoken in Brazil, belongs to one of the two Southern branches of the Carib family, known as Upper Xingu Carib. The language shows many interesting harmonic processes, among which the spreading of nasalization between neighboring segments. This occurs particularly between laryngeal fricatives and adjacent vowels. In Kuikuro, there are phonetically voiced and voiceless laryngeal fricatives which can be oral and nasal, i.e. [□□□□□□□□h□□h□□]. Voiceless laryngeal fricatives appear in initial and intervocalic positions while voiced laryngeal fricatives only appear in intervocalic position. The contrast between Kuikuro laryngeal fricatives raises questions about the coordination and control between velic and oral gestures, as well as about the perceptual distinctiveness between these segments. Aerodynamic and acoustic data show that the glottalic and velic openings are finely coordinated and controlled in the case of voiced and voiceless nasalized laryngeal fricative segments. An example of this phenomenon is visible in Figure 1 where it can be seen that the oral and nasal airflows plots increase at the same time during the production of voiced and voiceless nasalized laryngeal fricatives. This means that the velopharyngeal port opens exactly when more air goes through the glottis to produce the laryngeal fricative consonants. This is also possible if the glottis is vibrating with an opening of the interarytenoid space. An important difference between oral and nasalized laryngeal fricatives is that the following vowel is always nasal whether the preceding consonant is voiced or voiceless. A possible explanation for this phenomenon is that a nasal vowel after a nasalized laryngeal fricative may enhance the nasal character of the nasalized laryngeal fricative consonants. If this explanation is correct, it contributes maintaining a clear distinction between oral and nasal laryngeal fricatives. Indeed, vowels following laryngeal fricatives such as [h] are prone to be interpreted as nasals because of the coupling between the oral tract and the trachea. This has an acoustic effect similar to the coupling between the oral and nasal tracts. This is what Matisoff (1975) defines as rhinoglottophilia. The precise control and coordination of glottalic and velic gestures may help maintaining clear contrasts between oral and nasalized laryngeal fricatives. Therefore the nasalization of a vowel following a nasalized laryngeal fricative is not the effect of coarticulation but the consequence of a controlled process made in order to maintain a contrast between segments. Finally it is worth saying that Ladefoged and Maddieson (1996) mention a similar phenomena in Kwangali and Tshimbukushu. This suggests that the same mechanism could be at play in genetically unrelated languages.

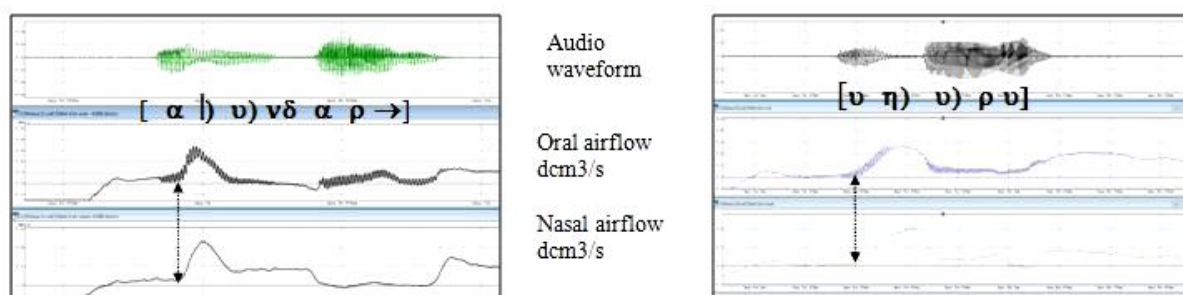


Figure 1. Audio waveform, oral and nasal airflows of the words [α |v) vδ α ρ →] 'mattress' and [v η) v) ρ v] 'part of the body behind the neck'. The double arrows indicate the beginning of the nasalized laryngeal fricatives [h] and [ŋ].

Matisoff, J. (1975). Rhinoglottophilia: the mysterious connection between nasality and glottality. In C. Ferguson, L.M. Hyman & J. Ohala (eds.). *Nasalfest: papers from a symposium on nasals and nasalisation*. Stanford, California: Stanford University Language Universals Project. 265-287.

Ladefoged, P. And I. Maddieson (1996). *The sounds of the world's languages*. Oxford. Blackwell.



## Vowel harmony in Yuhup: Evidence from acoustics, electroglottography, aerodynamics and ultrasound imaging

Heriberto Avelino

Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Leipzig

heriberto\_avelino@eva.mpg.de

Daniel Voigt

Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, Leipzig

daniel\_voigt@eva.mpg.de

Ana María Ospina Bozzi

Universidad Nacional de Colombia, Bogotá

amospinab@unal.edu.co

Yuhup has a process of vowel harmony in which the locative *-Vt*, and the (non-verbal, 'identificative') predicative *-V-p* suffixes copy the vowel of the root (Ospina 2002, 2010). We call these "harmonic suffixes". These contrast with non-harmonic ones, among which there is a (non-verbal, attributive, equative) predicative of the shape *-í-p*.

non-harmonic suffix		harmonic suffix	
îdn-í-p	'it is (a) sister'	îdn-í-p	'it is (a) sister'
tôgn-í-p	'it is (a) daughter'	tôgn-ó-p	'it is (a) daughter'
bòhòw?-í-p	'it is (a) crane'	bòhòw?-ó-p	'it is (a) crane'
wòhót-í-p	'it is (an) omima fish'	wòhót-ó-p	'it is (an) omima fish'

The vowel system of Yuhup includes /i, ĩ, ə, e, ε, a, ɔ, o, u/ and the corresponding series of nasalized /ĩ, ĩ̃, ê, ã, ễ, õ, ã̃/ and laryngealized /ĩ̃, ĩ̃̃, ɛ̃, ɛ̃̃, ɔ̃, ɔ̃̃, ũ/ vowels. In addition, there are lexemes with underlying vowels that include specifications for both, laryngeal and nasal features /ĩ̃̃, ễ̃, ã̃̃, õ̃̃/. Ultrasound imaging and acoustic analyses further support the differentiation of both types of suffixes: (1) Tongue traces of the vowels of the non-harmonic suffixes show a greater dispersion in the articulatory target of the vowels than the corresponding harmonic vowels, and (2) F1-F2 values of the non-harmonic suffixes suggest an increased coarticulation that harmonic suffixes. Overall, harmonic suffixes are more stable in articulatory and acoustic vowel gestures than non-harmonic ones. Aerodynamic and electroglottographic analyses show evidence of the different patterns of nasal and laryngeal harmony in Yuhup: [laryngeal] and [nasal] spreading occur in both classes of suffixes (see 2 and 3), but in roots of complex vowels (4) wich include [laryngeal, nasal] only [nasal] spreads.

underlying root vowel		non-harmonic suffixes (other predicative morphemes)	harmonic suffixes (locative <i>-Vt</i> , and predicative <i>-V-p</i> )
1. v oral	ʧíp	ʧíp-i-p	ʧíp-i-t
2. ʏ laryngealized	dăp	dăp-ı̃-p	dăp-ɔ̃-t
3. ỹ nasal	hũd	hũd-ĩ̃-p	hũd-ũ̃-p
4. ỹ̃ nasal + laryngealized	bòh	bòh-ĩ̃-p	bòh-õ̃-p (*bòh-õ̃̃-p, *bòh-õ̃̃̃-p)

We present our findings in the context of the project documenting the phonetic structures of Yuhup using a variety of acoustic, aerodynamic, articulatory (ultrasound imaging) and high speed nasoendoscopic videography methods. We discuss our results in the broader context of the relevance of phonetic detail for morphosyntactic levels of the grammar.

Conferencia especial: **Harmony or coarticulation?**

Ian Maddieson

University of California at Berkeley

University of New Mexico

ianm@berkeley.edu

Coarticulation is a pervasive, natural and inevitable part of speech production. As the articulatory organs move from one configuration to another they necessarily pass through intermediate positions, and the ‘target’ positions are modified by anticipation or perseveration of adjacent targets. However, many studies have shown that the degree and temporal extent of coarticulatory influence is language-specific and hence, at least in part, is the result of learned behavior. In some languages and environments coarticulation leads to assimilation, where the identity of a whole segment is affected by an adjoining one. Segmental harmony, on the other hand, is a pattern in which constraints apply on co-occurrence of vowels or consonants within words, clitic groups, or similar elements such that some of the segments they contain are required to be similar in particular respects. These effects often apply “at a distance” across one or more intervening segments. Some linguists see the seeds of harmony constraints (especially on vowels) in language-specific coarticulatory variability. For example, Ohala (1994) argues that vowel harmony “*is the fossilized or phonologized result of purely phonetic and non-distinctive between-vowel assimilations*”. In languages where vowel-to-vowel coarticulation becomes temporarily or spatially extensive, it can be reinterpreted as a phonological pattern, and subsequently the conditioning factors may become obscured.

In order for harmonic patterns to have their source in the spread of coarticulatory effects the property that is shared must be transmissible across any intervening segments. This is often the case for properties of vowels as the tongue and lip positions for them can often be accommodated by adjacent consonants. On the other hand, nasality can spread across sonorants but not across a stop, as a lowered velum is incompatible with its production. A number of the cases of reported consonant harmony, such as those concerning laryngeal properties, as in the implosive harmony of Bumo̞ Izon (Efere 2001), cannot plausibly be attributed to coarticulatory spreading. Instead such effects may have their origin in the ease of repeating similar rather than different movements (the idea behind “correspondence” constraints in OT theory). In some other instances, such as the dorsal harmony of Truku Seediq (Lee 2009), harmony might be interpreted as originally coarticulatory, rather than as due to a “correspondence” constraint.

This talk will review some of the patterns of harmony reported in a variety of languages and consider which of these cases might have a coarticulatory source and how this might be determined in individual cases.

**Simposio Pano-takana: morfosintaxis sincrónica y diacrónica**

Antoine Guillaume y Pilar Valenzuela

CNRS/Université de Lyon y Chapman University

**Conferencia especial: Two types of ‘headless relative’ in languages of the Northwest Coast. A Case Study in Fieldwork Techniques**

Henry Davis

University of British Columbia

Henry.davis@ubc.ca

The Pacific Northwest of North America is home to one of the richest zones of linguistic diversity in the world (as well as one of the most endangered). It has also been a laboratory for fieldworkers ever since the pioneering work of Boas and Sapir in the early years of the 20<sup>th</sup> century. In this talk, I

will compare two superficially similar DP-internal constructions (so-called ‘headless’ relatives) in two unrelated Northwest Coast language families (Salish and Tsimshianic), show that the structural properties of the constructions are quite different in the two families, and make the case that only targeted, theory-driven elicitation of grammatical intuitions can lead to the correct analysis.

### **Categorías Léxicas y el Punto de Articulación de las Consonantes Latentes: Los Casos del Shipibo y el Capanahua (Pano)**

Elias Ulloa, Jose

Stony Brook University (SUNY)

[jeliasulloa@notes.cc.sunysb.edu](mailto:jeliasulloa@notes.cc.sunysb.edu)

Las reconstrucciones del Proto-pano (Shell 1965) indican que raíces trisilábicas sufrieron un proceso de acortamiento el cual les hizo perder su tercera sílaba. De este modo, por ejemplo, la raíz para ‘caiman’ se ha reconstruido como \*/kapika/. Después de perder la vocal final, en el shipibo, por ejemplo, esa raíz trisilábica quedó como /kapik/ (Loos 1969, Valenzuela 2003). Este tipo de raíces son interesantes en lenguas pano, como el shipibo y el capanahua, porque sus fonologías no permiten que consonantes oclusivas ocurran como segmentos coda dentro de las sílabas de la lengua. En estos casos, la fonología de estas lenguas elide en la superficie la consonante final: [ka.'pi]. La consonante final, sin embargo, logra aparecer cuando se le agrega un sufijo que empiece en vocal. En Shipibo, por ejemplo, la palabra para ‘caiman’ muestra la consonante velar final en formas como: ['ka.pi.kan] (forma larga del sustantivo), [ka.pi.'ka] (forma vocativa).

En esta presentación, voy a hablar sobre las restricciones que el shipibo y el capanahua imponen a los puntos de articulación de este tipo de consonantes finales de raíz. Mostraré que este tipo de consonantes puede sólo mostrar un conjunto bastante restringido de puntos de articulación: *coronal para formas verbales y no-coronal para formas no-verbales*. Es decir, este es un raro fenómeno donde el tipo de categoría léxica gobierna el punto de articulación de consonantes latentes. Así por ejemplo, la misma raíz discutida arriba será /kapit/ (con una oclusiva alveolar final) si funcionase como un verbo: ['ka.pi.tai] ‘(él/ella) se convierte en un caiman’. En contraste a este comportamiento, cuando una raíz no acaba en una consonante latente, ninguna consonante ocurre en la vocal final de la raíz y el siguiente sufijo. Éste es el caso, por ejemplo, de la raíz /popo/ ‘búho’: ['po.po] (forma corta del sustantivo), [po.'pon] (forma larga del sustantivo), [po.'po] (forma vocativa), ['po.po.ai] ‘(él/ella) se convierte en un búho’. A continuación muestro ambos tipos de raíces para que sea más fácil de observar sus comportamientos. La ‘C’ en la representación fonológica muestra la consonante latente.

<u>Raíz con consonante latente</u>	<u>Raíz sin consonante latente</u>
a. /kapiC/ → [ka.'pi] (sustantivo)	e. /popo/ → ['po.po] (sustantivo)
b. /kapiC -n/ → ['ka.pi.kan] (sustantivo)	f. /popo -n/ → [po.'pon] (sustantivo)
d. /kapiC -ai/ → ['ka.pi.tai] (verbo)	h. /popo -ai/ → ['po.po.ai] (verbo)

En la charla demostraré que las consonantes finales alternantes de raíces como /kapik/ ~ /kapit/ son parte de la raíz, producto de un proceso fonológico histórico. Haré hincapié en que estas consonantes finales no son epentéticas y no se tratan de sufijos o parte de sufijos. Además presentaré evidencia que este tipo de alternancia es sistemática y productiva en las lenguas bajo discusión. Los datos que presentaré han sido recogidos por el presente autor en el 2001 (para el capanahua) y entre el 2008 y el 2011 (para el shipibo).

## **A relação entre os morfemas e a transitividade na língua matis**

Ferreira, Rogério Vicente

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

rogmatis@gmail.com

**RESUMO:** Tipologicamente, a língua Matis tem uma ordem sintática do tipo SOV, um sistema de caso ergativo/absolutivo e um sistema de marcação *switch-reference*. Um outro processo muito produtivo na língua são os marcadores de “concordância” com a transitividade que ocorre por meio de uma morfologia específica nos nomes, numerais/quantificadores e advérbios. Assim, apresentarei como funciona essa morfologia de “concordância”. Sendo que os verbos possuem transitividade inerente desencadeia um processo de “concordância” morfológica com os itens que ocorrem periféricamente aos verbos. Dessa forma, veremos que os itens adverbiais receberão uma marca morfológica que concordam com a transitividade verbal, algo comum nas línguas dessa família, mas raro em consideração às línguas do mundo.

**ABSTRACT:** The Matis language, typologically, has a syntactic order of the type SOV, a system of ergative/ absolute and a system of switch-reference mark. One another process a lot of productive in the language is the transitivity concordance that occurs by the specific morphology in the nouns, numbers/ quantifiers and adverbs.

We presented in this work how this morphology. We will check that the verbs possess inherent transitivity developing a morphologic concordance process with items that occur as peripheral in relation to the verbs. So, we will see that the adverbial items will receive a morphological mark that agree with the verbal transitivity, something common in languages of this family, but rare in relation to the languages of the world.

### **Panoan and Takanan Body-part Prefixes**

Fleck, David

University of Oregon

dfleck@amnh.org

Most Panoan languages have about 30 monosyllabic prefixes designating mostly body-part notions and semantic extensions of these. The Panoan languages that do not have productive body-part prefixes (e.g., Marubo) have vestiges of them. In fact, many of these forms can be readily reconstructed to proto-Panoan, though it is not yet certain whether historically these were affixes, noun roots, or allomorphs of nouns. Interestingly, some Takanan languages also have what appear to be vestiges of body-part prefixes, with some matching the (proto-)Panoan forms, a feature that Loos (2005) has put forth as evidence supporting the genetic relation between Panoan and Takanan. Unlike SOV word order or split ergativity, body-part prefixation is typologically rare, and therefore this feature is unlikely to have arisen in both families by coincidence. Therefore, the question at hand is: Do Panoan and Takanan share these forms because they inherited them from a common mother language, or could they have been borrowed from into some Takanan languages from neighboring Panoan languages?

The current paper is an attempt to answer this question. First I will illustrate the morphological and syntactic properties of Panoan prefixation as elucidated in recent studies on this topic (Fleck 2006, Ferreira 2007, 2008, Amarante Ribeiro and Cândido 2008, Zariquiey and Fleck in press). Then I will present the possible proto-Panoan scenarios. Finally I will evaluate the available data in the Takanan family to determine if these really are vestiges of body-part prefixation and how they could be related to the Panoan forms.

## Bibliografía

- Amarante Ribeiro, Lincoln Almir, and Gláucia Vieira Cândido. 2008. "A formação de palavras a partir de morfemas monossilábicos nominais e bases verbais em línguas indígenas da família Pano: Prefixação ou incorporação nominal?" *Veredas On Line* (UFJF), 1:129-145.
- Ferreira, Rogério Vicente. 2007. "Afixos verbais em uma língua da família Pano." In: *V Congreso Internacional de Investigaciones Lingüísticas-filológicas: La Enseñaza de la Lengua en el Tercer Milenio*. Lima: Universidad Ricardo Palma.
- Ferreira, Rogério Vicente. 2008. "Morfemas "partes do corpo" em Matis e algumas línguas da família Pano." *Raído* (Universidade Federal da Grande Dourados), 2(4):35-39.
- Fleck, David W. 2006. "Body-part prefixes in Matses: Derivation or noun incorporation?" *International Journal of American Linguistics*, 72: 59-96.
- Loos, Eugene E. 2005. "Un breve estudio de la gramática del proto-Pano." *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos*, 11: 37-50.
- Zariquiey, Roberto, and David W. Fleck. in press. "Prefixation in Kashibo-Kakataibo: Synchronic or diachronic derivation." *International Journal of American Linguistics*, 78(3).

## A partícula *haska* em Hãtxa Kui (Kaxinawá)

Kaxinawá, Joaquim Paulo de Lima

Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília

joaquimmana@yahoo.com.br

A partícula *haska* é encontrada em várias línguas da família Pano como, por exemplo, em Shipibo (Valenzuela, 2003), Chácobo (Zingg, 1998), Marubo (Costa, 1992; Ferreira, 2011) e Kapanawa (Loos e Loos, 1998). Geralmente, atribui-se a essa partícula o significado de 'como', 'porque' ou 'assim'. No entanto, essa partícula se combina com vários outros morfemas e possui vários significados, de acordo com o contexto em que ocorre e com os morfemas com os quais se combina.

A função discursiva que essa partícula desempenha é evidenciada, principalmente, em diálogos, quando é utilizada para verificar ou para enfatizar a veracidade de algo, ou ainda, quando utilizada para demonstrar surpresa com respeito à informação fornecida por outra pessoa. Ademais, a partícula *haska* pode ser utilizada para indicar o modo como algo foi feito ou indicar uma sequência de eventos, dentre as várias funções que desempenha.

Quanto ao seu comportamento morfossintático em *Hãtxa Kui' (Kaxinawá)*, em uma primeira análise, foi possível observar que ela pode receber morfemas tipicamente verbais, como marcadores de tempo, e pode também se combinar com o morfema *-wa*.

No presente trabalho, priorizamos a partícula *haska* por considerá-la fundamental para o entendimento do discurso *Hãtxa Kui' (Kaxinawá)*, que vem sendo objeto da minha pesquisa. Outra questão importante é a caracterização morfológica dessa partícula, que pode se combinar com morfemas típicos de verbos, de advérbios, de adjetivos e até mesmo marcadores sentenciais como é o caso do reportivo.

## Bibliografía

- Costa, R. G. R. 1992. *Padrões rítmicos e Marcação de caso em Marúbo (Pano)*. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Ferreira, L. O. 2011. *Isi Teai Vana Marubo: falando sobre prevenção às DST – AIDS e Hepatites Virais*.
- E. Loos & B. Loos, . Dicionario capanahua-castellano: 23-62. SLP 45. Yarinacocha: ILV.
- Valenzuela, P. M. 2003. *Transitivity in Shipibo-Conibo Grammar*. Tese de doutorado. Oregon: University of Oregon.
- Zingg, Philipp (1998). *Diccionario Chacobo- Castellano y Castellano- Chacobo*. La Paz: Ministerio de Desarrollo Sostenible y Planificación-Viceministerio de Asuntos

Indígenas y Pueblos Originarios.

### **Contribuições para classificação interna da família Páno**

Oliveira, Sanderson de

Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília

sandersoncs@gmail.com

No presente trabalho, buscaremos traçar um panorama do estado atual das pesquisas históricas sobre essa família lingüística e reunir novos dados que contribuam para aprofundar o seu conhecimento. Primeiramente, apresentaremos um levantamento das diversas propostas de constituição interna da família Páno e das contribuições para o conhecimento do proto-Páno, considerando-se o trabalho pioneiro de Shell (1975), mas também contribuições posteriores como Valenzuela (2003) e Zariquiey (2006).

Na segunda parte, devemos considerar os resultados de pesquisa em andamento, que visa principalmente ampliar a base de dados comparativa e também o número de línguas a ser comparada. Resultados parciais já foram apresentados na reunião anual da ANPOLL (2010) e no Encontro Internacional de Arqueologia e Lingüística Histórica das Línguas Indígenas Sul-Americanas (Laboratório de Línguas Indígenas – LALI, UnB, 2011). Pretendemos, apresentar novos resultados, que possam contribuir para o maior entendimento das relações internas da família Páno, utilizando dados de primeira mão, de diversas línguas a que tivemos acesso, mas também dicionários e descrições de línguas já estudadas.

Shell, Olive Alexandra. 1975. *Las lenguas pano y su reconstrucción*. Lima: ILV/MEd

Valenzuela, Pilar. M. 2003. *Transitivity in Shipibo-Conibo Grammar*. Tese de doutorado. Oregon: University of Oregon.

Zariquiey, Roberto Biondi, 2011. “Hacia una reconstrucción del sistema personal del protopano. Aspectos fonológicos y morfológicos.” Dissertação de mestrado: Pontificia Universidad Católica del Perú.

### **Armonía Transitiva en Pano y Takana**

Valenzuela, Pilar

Chapman University

valenzuela@chapman.edu

Entre los rasgos morfo-sintácticos compartidos por las lenguas de las familias Pano y Takana encontramos la existencia de diferentes tipos de alineamientos ergativos expresados mediante la marcación de caso, una distinción bastante estricta entre verbos intransitivos y transitivos, la presencia de un par de verbos semánticamente genéricos (intransitivo y transitivo) que funcionan como pro-verbos o auxiliares y el fenómeno que ha recibido el nombre de armonía transitiva (transitivity harmony).

La armonía transitiva es entendida como un proceso morfosintáctico por el cual un modificador verbal (ya sea una base o un afijo verbal) presenta formas alternativas que deben concordar o armonizar con la transitividad del verbo modificado. El ámbito de operación puede ser el interior de la palabra, la frase verbal, la cláusula, o incluso la combinación de cláusulas.

En esta ponencia se examinan los diferentes tipos de armonía transitiva atestiguados en las lenguas de las familias Pano y Takana: los verbos/afijos involucrados, los tipos de construcciones afectadas y las estrategias morfosintácticas empleadas. Asimismo, se presentarán alcances sobre posibles motivaciones para la armonía transitiva y observaciones diacrónicas.



## Development of person markers in Panoan languages

Valle, Daniel

The University of Texas at Austin

davalle13@yahoo.es

Independent pronouns tend to develop into grammatical agreement markers cross-linguistically (Givón 1976, Greenberg 1977). This process of grammaticalization has also taken place in the Panoan language Kashibo-Kakataibo (KK). This study addresses the development of person markers (PMs) in KK departing from proto-Pano to its present-day state. It will be argued that proto-Pano did not have grammatical PMs. The development of PMs is an independent innovation in KK (Valle 2009, Zariquiey 2011) triggered by the marking of contrastive focus (pronoun doubling). Other Panoan languages have not completed this process of grammaticalization but they illustrate different steps of this process.

Four stages can be identified in the process of grammaticalization of personal pronouns into PMs in Panoan languages. (i) No PMs nor subject pronoun doubling existed in the language: This is the most frequent pattern in Panoan languages and is found in Katukina (Aguiar 1994), Shipibo (Valenzuela 2003), Matis (Ferreira 2005), Shanenawa (Cândido 2004), Yaminahua (Faust and Loos 2002). (ii) Subject pronoun doubling to encode contrastive focus: Capanahua (Elías-Ulloa 2007) shows obligatory doubling for first and second person pronouns only. (iii) Optional PMs: These exist in Chácobo (Valenzuela 2009), in Matses (Fleck 2003) only for first person only in Yawanawá (Santos 2004) only in embedded clauses. (iv) Obligatory PMs: This occurs in Kakataibo (Valle 2009, Zariquiey 2011). The following examples illustrate these different stages in the development of PMs in Panoan languages with data from Shipibo (1), Capanahua (2), Chácobo (3) and Kakataibo (4).

(1) Sabado-*nin*-ra      e-a      paboro-*nin*   ka-kas-ai      (i) No PMs nor subject doubling  
Saturday-TEMP-EV 1-ABS   cove-ALL   go-DES-INC  
“On Saturday, I want to go to the cove” (Shipibo, Valenzuela 2003:324)

(2) **min** ta?    **min** yu?a    βana-ni-ʔ-ki      (ii) Subject pronoun doubling  
**You** EVID **you** manioc plant-REM.REM.PAST-1/2.P-DECL  
“You planted manioc (a long time ago)” (Capanahua, Elías-Ulloa 2007:1)

(3) a. Raití    chaka-**he**-wa-ke      (iii) Optional PMs  
clothes wash-1SG-TRNS-CMPL  
“I washed the clothes” (Chacobo, Valenzuela 2009:22)

b. **E**            *mato*      tsaya-ke.  
1SG:NOM 2PL:ACC watch-CMPL  
“I looked at you (pl.)” (Chacobo, Valenzuela 2009:22)

(4) **i-n=ka-na**      mai-nu    raka-a      (iv) Obligatory PMs  
1-NOM=cl-1   soil-LOC   lay.down-PST.LS  
“I lay down on the ground” (Kashibo-Kakataibo, Valle 2011)

The distribution (or absence) of PMs in Panoan languages suggests that proto-Pano did not have such agreement markers. Next, free pronouns might have begun to double to encode contrastive focus, as suggested by the data on Capanahua. Chácobo, Matses and Yaminahua represent a further innovation in that the doubled subjects are morphologically bound to their head, i.e. they are optional PMs. Kakataibo displays the most grammaticalized status for pronouns in that they have now become obligatory PMs. Thus, synchronic evidence on Panoan languages show evidence for

arguing that independent pronouns are undergoing a process of grammaticalization into PM caused by function of focus which is at different stages in different languages of the family.

## References

- Aguiar, María. 1994. Análise descritiva e teórica do katukina-pano. Tese de Doutorado, Unicamp.
- Cândido, Gláucia. 2004. Descrição morfossintática da língua shanenawa (Pano). Tese de Doutorado, Unicamp.
- Elías-Ulloa, José. 2007. Subject Doubling and the Mixed Null Subject System of Capanahua. CILLA III, University of Texas at Austin.
- Faust, Norma and Eugene Loos. 2002. Gramática del idioma yaminahua. Lima, ILV.
- Fleck, David. 2003. A grammar of Matses. Phd Dissertation, Rice University.
- Ferreira, Rogério. 2005. Língua matis (Pano); uma descrição gramatical. Unicamp, Tese de Doutorado.
- Givón, Talmy. 1976. "Topic, pronoun, and grammatical agreement". In Li, Charles (ed.). Subject and Topic, pp149-88. New York, Academic Press.
- Greenberg, Joseph. 1977. "Niger-Congo noun class markers: Prefixes, suffixes, both or neither". In Studies in African Linguistics, UCLA, Supplement 7, 97-104.
- Valenzuela, Pilar. 2003. *Transitivity in shipibo-konibo grammar*. PhD Dissertation. Oregon, University of Oregon.
- Valenzuela, Pilar. 2009. Case-Marking in Chacobo in Panoan perspective. Ms.
- Valle, Daniel. 2009. El sistema de marcación de caso en Kakataibo. Tesis de pre-grado. UNMSM.
- Valle, Daniel. 2011. "Differential subject marking triggered by information structure". CILLA V, University of Texas at Austin.
- Zariquiey, Roberto. 2011. A grammar of Kashibo-Kakataibo. PhD Dissertation, LaTrobe University.

## Construcciones ditransitivas en cashibo-cacataibo en perspectiva pano

Zariquiey, Roberto

Pontificia Universidad Católica del Perú

rzariquiey@pucp.edu.pe

La presente ponencia ofrece una descripción de las construcciones ditransitivas en cashibo-cacataibo (Pano, Perú). Basándose en datos de la referida lengua, esta ponencia desafía lo que puede ser denominado el **análisis de los objetos no distinguibles**, que ha sido propuesto en la literatura pano (Valenzuela 2003: shipibo-conibo; Fleck 2003: matses y, en cierta medida, Zariquiey 2011: cashibo-cacataibo). Esta ponencia sostiene que tal análisis no puede ser aplicado satisfactoriamente al cashibo-cacataibo y, además, invoca importantes problemas metodológicos. El análisis de los objetos no distinguibles estipula que, en las lenguas Pano bajo estudio, los dos objetos de las construcciones ditransitivas no pueden ser sintácticamente distinguidos. Para arribar a esta conclusión, este análisis se basa en el examen de un número cerrado de propiedades morfosintácticas. Esta ponencia propone una aproximación construccional alternativa, que estudie los mecanismos morfosintácticos independientemente, describiéndolos de acuerdo al tipo de alineamiento que exhiben (Malchukov *et al* 2010: 1; Haspelmath 2005a y b, y 2007). Esta aproximación no considera estos mecanismos independientes como evidencia sólida para el establecimiento de relaciones gramaticales globales y, en ese sentido, observa algunos de los postulados básicos propuestos por Croft (2001; 2010). Además, tal como lo demostraremos en esta ponencia, esta aproximación construccional tiene un potencial comparativo enorme y nos permitirá estudiar las construcciones ditransitivas en las lenguas pano desde una perspectiva comparativa más integradora y altamente sugerente.

## Referencias

- Croft, William A. 2001. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford and New York: Oxford University Press.
- Croft, William A. 2010. Ten unwarranted assumptions in syntactic argumentation. Kasper Boye and Elisabeth Engberg-Pedersen (editors). *Language usage and language structure*, pp. 313-350. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Fleck, David W. 2003. A Grammar of Matsigenka. Ph.D. dissertation, Rice University, Houston.
- Haspelmath, Martin. 2005a. Argument marking in ditransitive alignment types. *Linguistic Discovery* 3 (1): 1-21.
- Haspelmath, Martin. 2005b. Ditransitive constructions: The verb 'give'. In Haspelmath, Martin, Matthew Dryer, David Gil and Bernard Comrie (eds.). *The World Atlas of Language Structures*: 426-429. Oxford: Oxford University Press.
- Haspelmath, Martin. 2007. Ditransitive alignment splits and inverse alignment. *Functions of language* 14 (1): 79-102.
- Malchukov, Andrej, Martin Haspelmath and Bernard Comrie. Ditransitive constructions: A typological overview. In Malchukov, Andrej, Martin Haspelmath and Bernard Comrie (eds.). *Studies in Ditransitive Constructions: A comparative approach*. Berlin: Mouton de Gruyter: 1-64.
- Valenzuela, Pilar M. 2003. *Transitivity in Shipibo-Konibo Grammar*. Ph.D. dissertation in linguistics, University of Oregon, Eugene.
- Zariquiey, Roberto. 2011. A grammar of Kashibo-Kakatatibo. PhD dissertation. Research Centre for Linguistic Typology. La Trobe University, Melbourne, Australia.

## Aspectos del sistema de caso de la lengua *ese eja* en Perú.

Chavarría Mendoza, María C.

Universidad Nacional Mayor de San Marcos y Visiting Professor en Macalester College

[chava001@yahoo.com](mailto:chava001@yahoo.com)

La lengua *ese eja* es la única representante de la familia Tacana que se habla en Perú y Bolivia; las otras, Araona, Cavineña, Tacana y Reyesano (Maropa) se encuentran exclusivamente en Bolivia.

La palabra *ese eja* (literalmente 'gente de nosotros') denomina tanto al pueblo como a su idioma. Éste presenta dos variantes lectales en Perú: *baawaja* o tambopatino y palmarrealino o beniano; la diferencia entre ambas es principalmente fonético-fonológica y afecta en menor grado el componente morfosintáctico y léxico.

La variedad *baawaja* se habla en la comunidad de Infierno en el río Baawaja o Tambopata. El dialecto palmarrealino o beniano se habla en la cuenca del *Ena 'ai* o Madre de Dios y en Sonene, departamento de Madre de Dios. Esta misma variante se hablaría en territorio boliviano, en caseríos cerca a Riberalta, Portachuelo Alto, Bajo y Villanueva, a lo largo del Beni (Herrera 2001) y también en Las Amalias a orillas del río Orthon y recientemente en Eyiyuquibo, en la provincia Iturrealde de La Paz (Vuillermet 2005, 2006). En total se calcula una población total de 1,600 hablantes.

En el Perú, los misioneros dominicanos fueron los primeros en publicar léxicos del dialecto *baawaja* (Aza 1928, Alvarez 2008 con noticias de 1930), además de artículos sobre la gramática de la lengua en su revista *Misiones Dominicanas*. El diccionario de Álvarez contiene no sólo información léxica sino declinaciones completas de los verbos. También se cuenta con un léxico del habla *baawaja* (Chavarría 1980a) y un artículo sobre los aspectos de la deixis *ese eja* y su traducción (Chavarría 1984a).

Para la variante hablada en Palma Real y Sonene, existe una tesis sobre la fonología del *ese eja* (Chavarría 1973) y una descripción de los términos de parentesco (Chavarría 1984b). En lo que se refiere a la variante hablada en Bolivia, se cuenta con una tesis reciente sobre la fonología del *ese ejja* Vuillermet (2005) y otros artículos sobre los verbos de movimiento, de próxima aparición..

En esta ponencia presento aspectos de la morfología nominal *ese eja* enfocándome en el sistema de

caso. El material analizado permite postular un sistema de sufijos marcadores de caso que siguen al nombre y a otras categorías que cumplan esta función. Estos casos serían a) nominativo donde se ilustra el caso ergativo absoluto, marcándose la ergatividad con el sufijo =a y sus diferentes alomorfos. b) vocativo que se presenta con algunos términos de parentesco, sufijo=se ; c).genitivo =ha que sigue a nombres y =kue con pronombres d). instrumental =a,=ji; e)comitativo =nije; f).locativo=ho , =je ; g) ablativo =kuiñaji.

Los datos han sido recolectados en grabaciones tomadas en su mayoría en el campo durante varios trabajos de recopilación de tradición oral en los años 2004-6 y algunas entrevistas semiestructuradas, principalmente en la comunidades de Infierno y Sonene.

### **Sistemas complejos de movimiento asociado en las lenguas Takana y Pano: perspectiva comparativa**

Guillaume, Antoine

Centre National de la Recherche Scientifique y Université de Lyon

[antoine.guillaume@ish-lyon.cnrs.fr](mailto:antoine.guillaume@ish-lyon.cnrs.fr)

Una notable característica recientemente identificada de la morfología verbal de los idiomas Takana se encuentra en sus complejos sistemas de sufijos de “movimiento asociado” (Guillaume 2006; 2008; 2009; en prensa, Vuillermet en prensa-a; en prensa-b). Esta categoría, inicialmente desarrollada en el marco de la literatura sobre las lenguas australianas (Koch 1984, Wilkins 1991), remite a morfemas gramaticales usados principalmente con verbos que no son de movimiento para expresar que la acción del verbo es asociada a un desplazamiento de segundo plano, el cual se caracteriza, entre otros, por su trayectoria (ej. ‘ir’, ‘venir’, ‘regresar’) y la relación temporal que tiene con la acción del verbo, es de anterioridad (ej. ‘ir y hacer’, ‘venir y hacer’, ‘regresar y hacer’), de simultaneidad (ej. ‘hacer yendo’, ‘hacer volviendo’, ‘hacer regresando’) o de posterioridad (‘hacer e ir’, ‘hacer y venir’, ‘hacer y regresar’).

En esta ponencia, en primer lugar presentaré los resultados de un estudio comparativo de los sistemas de movimiento asociado en las lenguas Takana. En segundo lugar, argumentaré que estos tipos de sistemas también se encuentran en las lenguas Pano, aunque identificados mediante otros nombres en los trabajos descriptivos, como ‘sufijos de dirección / direccionales’, ‘sufijos adverbiales de movimiento’ o ‘verbos serializados’. En tercer lugar, haré una comparación entre los sistemas de movimiento asociado de las dos familias e investigaré la posibilidad de que algunos morfemas sean cognados (y de ahí reconstruibles) o préstamos.

### **Referencias:**

- Guillaume, A. 2006. La catégorie du 'mouvement associé' en cavineña : apport à une typologie de l'encodage du mouvement et de la trajectoire, *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, 101:1, 415-436
- Guillaume, A. 2008 *A grammar of Cavineña*, [Mouton Grammar Library no. 44.] Berlin & New York, Mouton de Gruyter.
- Guillaume, A. 2009. Les suffixes verbaux de mouvement associé en cavineña, *Faits de Langues : Les Cahiers*, 1, 181-204
- Guillaume, A., en prensa, "Reconstructing the category of 'associated motion' in Tacanan languages (Amazonian Bolivia and Peru)", Selected papers from the 20th International Conference on Historical Linguistics, Osaka, Japan, July 25-30, 2011, Kikusawa, R. & Reid, L. (eds), John Benjamin's Publishing Company
- Koch, H., 1984, The category of 'Associated Motion' in Kaytej, *Language in Central Australia* 1, 23-34.
- Vuillermet, M. en prensa-a. *A Grammar of Bolivian Ese Ejja (Takana), an endangered Amazonian language*. Ph.D. dissertation. Université Lyon 2.
- Vuillermet, M. en prensa-b. Dónde, cuando, y con quién ocurren acciones: El movimiento asociado

en Ese Ejja. In *Expresión de nociones espaciales en lenguas amazónicas*, A. Ospina & Gómez-Imbert, E. (eds), Bogota: Universidad Nacional de Colombia.  
Wilkins, D. P. 1991. The Semantics, Pragmatics and Diachronic Development of 'Associated Motion' in Mparntwe Arrernte'. *Buffalo Papers in Linguistics* 1.207-57.

### **Conferencia especial: The NP-head**

Masayoshi Shibatani

Rice University

[matt.shibatani@gmail.com](mailto:matt.shibatani@gmail.com)

This talk addresses both theoretical and empirical questions regarding the structure of an NP. As for the theoretical issues, we focus on the questions about the NP-head, specifically whether it should be an N (or N-bar) or a D, and about the Subject status of the genitive modifier in an NP. We argue, from a functional perspective, that the head of an NP is an N/N-bar, and that there cannot be any notion of a grammatical Subject in an NP. Specifically, the referential function of the NP is due to the property of an N/N-bar, and as such the latter should be considered the head based on the endocentric property of a phrasal category. As for the Subject status of a genitive modifier within an NP, it is argued that no notion of a grammatical Subject obtains in an NP, in which the predication relation between a Subject and a Predicate (or VP) does not materialize. Empirically, we ask what kinds of elements can be an NP-head, with a special focus of the status of nominalizations as an NP-head. We will then examine the syntax and semantics of a genitive modifier that co-occurs with a nominalization NP-head, asking whether it is a syntactic Subject as is widely assumed in the literature.

### **Simposio Sintaxis interna del sintagma nominal en las lenguas amazónicas (II)**

Francesc Queixalós

CNRS/IRD

### **Conferencia especial: A fieldworker's guide to the semantics of noun phrases**

Lisa Matthewson

University of British Columbia

[lisa.matthewson@ubc.ca](mailto:lisa.matthewson@ubc.ca)

Whether our eventual goals are formal, functional, typological, descriptive, or some combination of these, the first step is always a correct understanding of the facts. When it comes to semantics, various challenges arise because the facts (i.e., the meanings) are not surface-visible, but are only accessible indirectly, either through translation, or through the (in)ability of an utterance to appear in certain discourse contexts. In this talk I address the fieldworker's problem with respect to the semantics of noun phrases, drawing on my work since 1992 on St'át'imcets (Lillooet Salish; British Columbia) and my more recent work on Gitksan (Tsimshianic; British Columbia). I present a guide to several different methodologies, including the examination of texts, direct elicitation, and storyboards (a method of eliciting spontaneous speech which contains particular targeted phenomena). I give specific examples of the use of these methodologies in obtaining information about definiteness, specificity, quantification, distributivity, negative polarity, and noun-phrase internal evidentiality.

## Indivuação e número nos nominais em Kotiria (Tukano Oriental)

Thiago Coutinho

Universidade Federal do Rio de Janeiro

[inteiro@gmail.com](mailto:inteiro@gmail.com)

Kotiria é uma língua da família Tukano (ramo oriental), falada no noroeste amazônico por aproximadamente 1500 pessoas na fronteira do Brasil com a Colômbia. Como será mostrado, os nominais em Kotiria se dividem em dois grandes grupos: de um lado temos os nomes inanimados, os quais, quando denotam entidades contáveis em sentenças episódicas, fazem uso de um rico sistema de classificação nominal que co-ocorre (e interage na construção da denotação) com morfologia de número, como vemos nos exemplos (1) e (2), e quando não-contáveis, como em (3), podem aparecer como argumento nominal sem material funcional visível; e do outro lado temos os nomes animados, os quais apresentam clara distinção de gênero e um complexo sistema de marcação de número, podendo ter uma denotação singular não marcada (*default*) como em (4), ou o singular ser construído morfologicamente, como (5).

(1)

A'ri-(phũ)                  papera-phũ                  ewa-phũ                  hi-ra.  
DEM.PROX-CLS:folha    papel-CLS:folha    ser.amarelo-CLS:folha    COP-VIS.IMPERF.2/3  
*Esse papel é amarelo.*

(2)

a'ri-(phũ-ri)                  papera-phũ-ri  
DEM.PROX-(CLS:folha-PL)    papel-CLS:folha-PL  
  
ewa-phũ-ri                  hi-ra.  
ser.amarelo-CLS:folha-PL    COP-VIS.IMPERF.2/3  
*Esses papéis são amarelos.*

(3)

Ti-ro    pho'ka                  cha-re.  
3-sing    farinha                  comer-VIS.PERF.2/3  
*Ele comeu farinha.*

(4)

Yũ                  die-ro                  kũ-iro                  bu-ø                  wãha-re  
1SG.POSS    cachorro-SG    um-NOM:SG                  cotia-?                  matar-VIS.PERF.2/3  
*Meu cachorro matou uma cotia.*

(5)

Yũ                  kũ-iro                  mahchua-kiro-re                  ñũ-i  
1SG    um-SG                  formiga-SG-OBJ                  ver-VIS.PERF.1  
*Eu vi uma manivara.*

Em (1), temos uma sentença episódica, onde o evento está espaço-temporalmente delimitado, e nesse caso o classificador nominal (*-phu*) se faz necessário para licenciar *papera* 'papel' como argumento. Em (2), vemos que mesmo argumentos com denotação plural, precisam receber o classificador antes do morfema de número. Já em (3) vemos um nominal não-contável sem material morfológico aparecendo em uma sentença episódica. Em (4) temos um nome da classe animada que apresenta uma forma nua (sem material morfológico) como singular, já em (5) vemos a ocorrência de um nominal com a forma básica *default* denotando uma entidade plural, e para uma denotação



singular, como e o caso, um morfema singularizador (-*kiro*) e utilizado. Esse trabalho investiga a estrutura sintatico-semantica dos sintagmas nominais em Kotiria, em especial a natureza da individualizacao e sua relacao com a marcacao de numero e o sistema de classificacao nominal. Depois de delineados os fenomenos de numero e de classificacao nos nominais em Kotiria, a partir dos dados coletados e de outros trabalhos para linguas da mesma familia (cf. Stenzel, no prelo, Gomez-Imbert, 2006 e Chacon 2007), esse trabalho se propoe a contribuir para o debate sobre individualizacao e distincao contavel *versus* nao-contavel nas linguas naturais. Tomando como referencia teorica os trabalhos de Chierchia (1998), Borer (2005) e Paraguassu-Martins (2010), nossa hipotese e de que os nominais em Kotiria sao marcados para a distincao contavel *versus* nao-contavel lexicalmente, e que essa marcacao e desassociada das operacoes sintaticas de classificacao e numero. Esse contraste parece ser o resultado de uma distincao contavel *versus* nao-contavel preexistente na base lexical e independente da aparicao de classificadores dentro do sintagma nominal, o que coloca propostas como a de Borer (2005) e de Chierchia (1998) em questao.

## **Bibliografia**

- BORER, Hagit. (2005). *In Name Only. Structuring Sense*, Volume I. Oxford:Oxford University Press.
- CHACON; Thiago Costa. (2007) *O Sistema de Classificaco Nominal do Tukano*. In: Revista de Estudos e Pesquisas, FUNAI, Brasilia, v.4, n.2, p.147-197, dez. 2007.
- CHIERCHIA, G. (1998) *Reference to kind across languages*. In: Natural Languages Semantics, n.6 p. 339-405.
- GOMEZ-IMBERT, Elsa. (2006). *Nominal classification in Tukanoan languages*. In W. Leo Wetzels (ed.) Language Endangerment and Endangered Languages: Linguistic and Anthropological Studies with Special Emphasis on the Languages and Cultures of the Andean-Amazonian Border Area. Indigenous Languages of Latin America series (ILLA). Publications of the Research School of Asian, African and Amerindian Studies (CNWS). Leiden University, The Netherlands.
- MARTINS, Nize da Rocha Paraguassu (2010). *A contabilidade dos nomes no portugus brasileiro*. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, Sao Paulo.
- STENZEL, K. (no prelo) *A reference grammar of Kotiria (Wanano)*. University of Nebraska Press.
- WALTZ, N. (2007) *Diccionario bilinge: Wanano o Guanano – Espaol, Espaol – Wanano o Guanano*. 1st. ed. Bogota, D.C.: Editorial Fundacion para el Desarrollo de los Pueblos Marginalizados

## **Pluralization and Mass / Count distinction in Kuikuro (Southern Carib)**

Bruna Franchetto

Museo Nacional, UFRJ Rio de Janeiro

[bfranchetto@yahoo.com.br](mailto:bfranchetto@yahoo.com.br)

Kuikuro, a variant of the Upper Xingu Carib Language, is spoken by 600 Amerindians in Southern Amazonia; it is agglutinative, head final and ergative. This paper reviews Franchetto et al. (2007) and it is a dialogue with similar works done on other Amazonian languages (Mller et al. 2006, among others).

In Kuikuro, Bare Nominals, in isolation or as arguments in a sentence, are interpreted as being neutral in relation to Number:

- (1) *kanga enge-tagü kangamuke heke*  
 fish eat-CONT child ERG  
 ‘(the/a) child/children is/are eating fish/es’

Nominals can be determined as singularities or pluralities in syntax by means of quantifiers, demonstratives, numerals, suffixes, or from the discourse context. In order to induce singular interpretation, numerals or adverbs are used:

- (2) *itoto heke tsügütse kanga enge-lü aetsi*  
 man ERG only fish eat-PNCT one  
 ‘one man ate one fish’

N can occur with functional morphology. The ‘pluralization’ is marked by PL *-ko* in N [+animate] (“with movement/life”) or by the construction X *tuhu-REL* (amount of X) for [-animate] N.

- (3) *kanga-ko* ‘(alive) fishes’  
 fish-PL  
*kanga tuhu-gu* ‘(dead) fishes’  
 fish amount-REL  
 \**ehu-ko/ ehu tuhu-gu* ‘canoes’  
 canoe-PL / canoe amount-REL

The data above are examples of the Kuikuro internal variety spoken by younger speakers; in the Kuikuro elders’s speech the use of *-ko* as a nominal suffix is and was extremely rare, with the only exception of *-ko* with proper names and with a very specific meaning:

- (4) *Jumu-ko* ‘the extended family/the people of Jumu’

COLL forms, restricted to N denoting kinship and other social relations, are productive for all the speakers. Plural and Collective can combine resulting in specific and socially meaningful calculus on groupings:

- (5) *ane-tão* ‘the chiefs of a village’  
 chief-COLL  
*ane-tão-ko* ‘groups of chiefs of different villages’  
 chief-COLL-PL  
*ane-tão-ko tuhu-gu* ‘groups of chiefs of different villages gathered in a place’  
 chief-COLL-PL amount-REL

Count/mass distinction is pre-syntactical. Kuikuro has nominal modifiers (*kaküingi*, ‘many’) and adverbs (*tsuei*, ‘much’) sensitive to count/mass distinction. Like in many languages, there is a category of Mass culturally ‘packageable’ N, that can be ‘pluralized’. In this case it is impossible to escape from the use of a genitive construction (alike that used to ‘pluralize’ non-living entities) together with a numeral:

- (6) *u-inha tuN-ke tiha gepa-gü tilako* ‘give me three *gepa* of copaiba resin’  
 1-BEN give-IMP resin unit?-REL three

*Gepa* (‘unit of’) deserves some comment; it allows the ‘pluralization’ of songs (‘songs’ means songs organized in different suites) and events:

- (7) *ai leha tolo gepa-gü uhu-nügü u-heke tatute*  
 already tolo suite-REL know-PNCT 1-ERG all  
 ‘I already know all the tolo songs’
- (8) *kajü ingi-lü u-heke takeko gepa-gü*  
 monkey see-PNCT 1-ERG two gepa-REL

‘I saw monkey(s) twice’

Kratzer’s Cumulativity Hypothesis (2001, 2005) seems to be corroborated by the cumulativity of Kuikuro BrN. We highlight the operations on groupings and the lexical count/mass distinction. Notions of ‘grouping’, as ontological and cognitive underlying operations, explicit in some contexts, seem to be implicit in all other contexts of apparent ‘pluralization’.

#### References

Franchetto, B.; Santos, Mara; Mehinaku, M. 2007. Concepts and forms of ‘plurality’ in Kuikuro (Southern Carib, Brazil). *UMPO 35, Proceedings of the 4<sup>th</sup> Conference on the Semantics of Underrepresented Languages in the Americas*. University of Massachusetts Occasional Papers (SULA 4). Amy Rose Deal (ed.). Amherst, MA: GLSA, University of Massachusetts, Amherst (99-116).

Kratzer, A. 2001. Cumulativity as a possible universal. The event and the semantics of verbs. <http://semanticsarchive.net>

Kratzer, A. 2005. On the plurality of verbs. <http://semanticsarchive.net>

Müller, A.; Storto, L.; Coutinho-Silva, Th. 2006. Número e distinção contável-massivo em Karitiana. *Revista da Abralín*, Vl. V, N. 1 e 2 (185-214).

### **When Adverbial Clauses Distribute as Noun Phrases in a Bare Noun Language**

Luciana Storto

Universidade de São Paulo

[storto@usp.br](mailto:storto@usp.br)

Our goal in this paper is to give syntactic and semantic evidence that in Karitiana (Tupian) noun phrases with universal readings are in fact adverbial clauses. The new evidence to be presented here in favour of this hypothesis is that it is possible to front the universal clause in the same way that it is possible to front other types of adjunct adverbial clauses.

Muller, Storto & Coutinho-Silva (2006) have argued that Karitiana is a language without articles, demonstratives, quantifiers (D-quantifiers) or classifiers, in which there is no plurality whatsoever in the noun phrase. In this paper, we will refer to a language with such typological profile as a bare noun language. Furthermore, the authors suggested that both demonstrative and universally quantified noun phrases in Karitiana are clauses headed by a copular verb. Two masters dissertations defended at Universidade de São Paulo gave further evidence for the hypothesis that Karitiana lacks D-quantification: Sanchez-Mendes (2009) argued that all quantifiers in the language are adverbs (A-quantification), and Coutinho-Silva (2008) gave an analysis of noun phrases translated with universal quantification as maximalizing relative clauses.

Storto has recently given arguments against Coutinho-Silva’s analysis, suggesting a syntactic account of these phrases as adverbial clauses (Storto 2011) introduced by a subordinating head *tyym* that is also present in regular temporal adverbial clauses:

1. Taso akatyym nasokõĩt eremby  
[Taso aka-tyym] ø-na-sokõĩ-t eremby  
Man cop sub 3-decl-tie.up-nfut hammock  
‘Every man tied up the hammock’

The author offers two types of evidence in support of her analysis: (1) relative clauses are never introduced by subordinating heads in Karitiana (Storto, to appear), whereas universally quantified clauses must invariably occur with the subordinator *tyym*, also used in temporal adverbial subordinate clauses and translated roughly as ‘when the event is complete’, (2) the universally quantified clause may be fronted as an adjunct embedded clause whose subject is anaphoric with

the subject or object of the main clause in sentences such as (2) and (3) respectively:

2. [Ta-aka-tyym]             $\emptyset$ -na-sok $\delta$ ĩ-t            eremby            taso  
 3subj.anaph-cop-sub 3-decl-tie.up.nfut    hammock    man  
 ‘Every man tied up the hammock’

(Literally: Man<sub>i</sub> tied up the hammock [when it<sub>i</sub> was complete])

3. [I-aka-tyym]             $\emptyset$ -na-sok $\delta$ ĩ-t            eremby            taso  
 3-cop-sub                    3-decl-tie.up.nfut    hammock    man

‘The man tied up every hammock’

(Literally: Man tied up the hammock<sub>j</sub> [when it<sub>j</sub> was complete])

In this paper we explore this second type of evidence, showing the syntactic and semantic parallels between regular temporal adverbial clauses and universal clauses in Karitiana. More precisely, we discuss the semantic analysis of universal clauses given by Storto & Thomas (to appear) in face of examples of temporal adverbial clauses such as (4) and (5):

4. [Ta-tat                    takit] taso     $\emptyset$ -na-oky-t            sojxa  
 3subj.anaph-go                    before man    3-decl-kill-nfut            pig  
 ‘The man<sub>i</sub> killed the pig<sub>j</sub> before he<sub>i</sub> /<sub>\*j</sub> left (he = man, not pig)

5. [I-tat takit] taso     $\emptyset$ -na-oky-t            sojxa  
 3-go    before man    3-decl-kill-nfut            pig  
 ‘The man<sub>i</sub> killed the pig<sub>j</sub> before he<sub>j</sub> /<sub>\*i</sub> left (he = pig, not man)

The conclusion we reach is that A-quantification is expressed in Karitiana either through the use of adverbs or adverbial clauses.

## References

- Coutinho-Silva, Thiago. (2008). *Aspectos dos Sintagmas Nominais em Karitiana: A Quantificação Universal*. Masters Thesis. Universidade de São Paulo.
- Muller, Ana, Luciana Storto & Thiago Coutinho-Silva. (2006). Number and the Count-Mass Distinction in Karitiana. *WSCLA Proceedings 11*. Vancouver: University of British Columbia.
- Sanchez-Mendes, Luciana. (2009). *A Quantificação Adverbial em Karitiana*. Masters Thesis. Universidade de São Paulo.
- Storto, Luciana. (2011). The Clausal Nature of Demonstrative and Universally Quantified Phrases in a Bare Noun Language. Paper presented in *Semantics of Underrepresented Languages in the Americas 6*. Manchester.
- Storto, Luciana. (to appear). Subordination in Karitiana. In *Subordination in Amazonian Languages*. Frantomé Pacheco, Francisco Queixalos, & Ana Carla Bruno (eds.). Bogotá.
- Storto, Luciana & Guillaume Thomas (to appear). The Clausal Nature of Universally Quantified Phrases in Karitiana. In *Proceedings of Semantics of Underrepresented Languages in the Americas 6*. Manchester.

## Expresiones referenciales en asháninka

Liliana Fernández Fabián

Universidad Nacional Mayor de San Marcos

imatlife@hotmail.com

Los hablantes de una lengua comparten la experiencia y conocimiento del mundo necesarios para nombrar los objetos que les rodean e identificarlos con precisión. En ese sentido, la referencia en una lengua se puede mostrar a través de múltiples formas, tener distintas funciones e, incluso, quedar encubierta por otros aspectos del lenguaje.

El objetivo de este estudio es describir y explicar las expresiones referenciales en la lengua asháninka, es decir, cómo los hablantes asháninkas hacen uso de su lengua para referir a algo y reconocer que se están refiriendo a algo.

El análisis del corpus nos lleva a determinar los rasgos de tipo morfosintáctico y semántico de los sintagmas nominales en sus distintas formas: nombres propios, sintagmas nominales definidos o indefinidos y pronombres. Además, no solo estudiamos los sintagmas nominales, sino también el verbo y su flexión cuando estos condicionan el tipo de referencia. Por ejemplo, la naturaleza semántica del verbo o la modalidad de su forma flexionada influirán en el tipo de referente admisible en un determinado contexto discursivo. Asimismo, se toman en cuenta aspectos culturales para categorizar las expresiones referenciales que los hablantes emplean en sus discursos; es decir, en este estudio se tomarán en cuenta el contexto lingüístico para explicar casos de correferencialidad (1), el contexto físico para explicar fenómenos deícticos (2) y el conocimiento enciclopédico del hablante para caracterizar y explicar las expresiones referenciales de las que hace uso en su discurso (3).

(1) *ja-t-ak-i*                      *shawoo*<sub>(a)</sub>                      *antami-ki*                      *i-jeek-i-nta*  
ir-EP-PRFV-NF                      añuje                      monte-LOC                      3M-estar.en-NF-DEM

*antami-ki-nta*                      *i-jeek-i*                      *rowaga*<sub>(a)</sub>                      *antami-ki*  
monte-LOC-DEM                      3M-estar.en-NF                      este                      monte-LOC  
'El añuje se fue al monte donde vive, en el monte vivirá para siempre.'

(2) *irika-ja*                      *i-kin-apa-e-ro*                      *riroori*  
este-ENF                      3M-pasar-DIR-NF-3F                      él  
'Por acá pasó él.'

(3) *o-pok-ap-ak-i*                      *orenka-ki*  
3F-venir-DIR-PRFV-NF                      lluvia.con.sol-CL  
'Vino la lluvia con sol.'

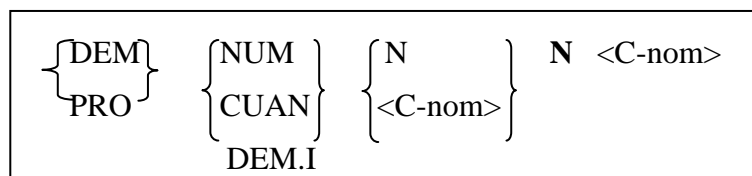
La presente investigación nos permite señalar los aspectos lingüísticos de la lengua asháninka que favorecen o que impiden que los sintagmas nominales sean considerados expresiones referenciales y, asimismo, plantear una propuesta de clasificación de tales expresiones basándonos en grados de accesibilidad que irían desde los nombres propios hasta la elisión de la expresión referencial.

## Cohesión sintáctica en el sintagma nominal kokama

Rosa Vallejos  
University of Oregon  
[rosav@uoregon.edu](mailto:rosav@uoregon.edu)

El sintagma nominal en kokama, lengua hablada en la amazonía peruana, está conformado minimamente por un núcleo y potencialmente por al menos tres modificadores. Puede operar como núcleo nominal un nombre común, un nombre propio, un pronombre, y de manera menos frecuente un demostrativo. En kokama, los modificadores anteceden al núcleo, con excepción de las cláusulas nominalizadas (una suerte de relativas) que pueden aparecer tanto antepuestas como pospuestas al núcleo. Los modificadores que anteceden al núcleo cuando éste es un nombre común son los siguientes: Modificador I: nombre o cláusula nominalizada; Modificador II: numeral, cuantificador o demostrativo indefinido; Modificador III: demostrativo o pronombre posesivo (ver figura 1 y ejemplos (1-3)). Cabe anotar que en habla espontánea el núcleo aparece generalmente modificado por un sólo elemento.

Figura 1: Sintagma nominal kokama



- (1) *tsa mukuika nai amira* PRO NUM N N  
 1SG.F dos abuela difunto  
 ‘Mis dos abuelas difuntas’
- (2) *ikian yamua yatsi* DEM I.DEM N  
 este otro luna  
 ‘Esta otra luna’
- (3) *upi mari [rana yumi-n]* CUAN N C-nom  
 todo cosa 3PL.M dar-NZR  
 ‘Todas las cosas que ellos donaron’

La relación genitiva al interior del sintagma nominal se expresa a través del orden de palabras: el poseedor antecede al poseído. En textos es común la aparición de dos poseedores (un pronombre y un nombre) en un sintagma nominal (ver 4); sin embargo, en elicitación es posible que ocurran hasta tres poseedores (un pronombre y dos nombres) (ver 5).

- (4) *[[tsa pay] mirikua]=kira=kana kakiri ikia=ka*  
 1SG.F tío esposa=DIM=PL.F vivir este=LOC  
 ‘Las mujercitas de mi tío viven aquí’
- (5) *[[[ta taira] tutira] irara ] ukaym=uy*



1SG.M      hija    suegro canoa desaparecer-PAS1  
'La canoa del suegro de mi hija desapareció'

Categorías gramaticales como plural y los evaluativos (diminutivo, aumentativo y afectivo), que en muchas lenguas tienen como rango de acción el nombre, en kokama actúan a nivel del sintagma nominal (4). Al mismo tiempo, existe una serie de clíticos de posición fija que se adjuntan fonológicamente a sintagmas nominales en posiciones sintácticas específicas. Por ejemplo, a la derecha del sintagma nominal objeto se adjuntan las marcas de tiempo y de modalidad eventiva (hipotética y aprensiva). En general, el sintagma nominal kokama es una unidad sintáctica con una clara cohesión interna y tiene un rol crucial en la gramática de la lengua.

### **Construções possessivas adnominais na região do Guaporé**

Hein van der Voort

Museu Goeldi/FAPESPA

[hvoort@xs4all.nl](mailto:hvoort@xs4all.nl)

Possessão adnominal representa uma construção gramatical que tipicamente envolve um substantivo modificador e um substantivo nuclear, que expressa uma relação possessiva entre respectivamente um possuidor e um possuído. As línguas diferem com respeito à codificação da relação possessiva em possessão adnominal, com as alternativas básicas 'marcação de núcleo' (no possuído) e 'marcação de dependente' (no possuidor). Nesta palestra apresentarei um esboço das estratégias possessivas adnominais encontradas numa seleção diversa de línguas indígenas da região do Guaporé no Sudoeste da Amazônia: Aikanã (isolado), Arikapú (Macro-Jê), Baure (Arawak), Kanoê (isolado), Kwazá (isolado), Latundê (Nambikwara), Mekens (Tupí) e Wari' (Txapakura). Além de tipos estruturais, abordarei efeitos de (in)alienabilidade e os papéis diferentes de classificadores. Como as línguas investigadas são todas consideradas como geneticamente não-relacionadas, certas similaridades entre as suas expressões possessivas podem dever-se a difusão areal. Outras similaridades podem dever-se a tendências universais de gramaticalização. Não é sempre fácil distinguir entre estas possibilidades. Por exemplo, a existência de uma construção alternativa para marcar a terceira pessoa possessiva no possuído, fora do paradigma canônico de marcação de dependente, até envolvendo um morfema bastante similar, nas línguas isoladas Aikanã e Kwazá, pode representar o resultado de contatos antigos, ou um traço antigo de uma possível relação genética.

### **Internal Syntax of the Gavião Noun Phrase**

Denny Moore

Museu Paraense Emílio Goeldi

[moore@amazon.com.br](mailto:moore@amazon.com.br)

The noun phrases of the language of the Gavião of Rondônia (Mondé branch of the Tupi language family) contain several syntactic phenomena whose analysis is not obvious. The internal syntax of these noun phrases and their structure are discussed in detail. The core of a NP contains a nucleus and, optionally, following adjective stems. A noun phrase may contain a possessor or not. If it does not, then its nucleus may be a simple (morphological) noun, a complex (syntactic) noun, a pronoun, or a demonstrative. Adjective stems which are prefixed for person distribute like NPs (not like stative verbs), and in these cases the nucleus is the person prefix. Gavião adjective stems are only attributive. In genitive constructions the possessor may be a NP or a person prefix, and the possessed construction is the stem form of the core construction, described above. Any of the unpossessed NPs can be modified by a preceding demonstrative. They can be modified by one or more following qualifying particles. An analytic problem which is not obvious is how to distinguish genitive constructions from nominal compounds, since there is no overt marking, such as the English possessive 's. That is, given a sequence such as **stone heart**, how do Gavião

speakers know if it is a genitive ('heart of the stone') or a compound noun ('heart like stone')? The answer lies in the subcategorization features of the second half of the construction: some noun stems are inalienably possessed, others can only be modified, and others may be possessed or modified, depending on the control capacity of the first half of the construction. Additionally, some noun stems, especially nominalizations, form compounds with preceding NPs which are their arguments. These are superficially similar to genitives but behave formally as compounds. In appositions the more descriptive term precedes the less descriptive term.

### **Las expresiones nominales complejas en pilagá (guaycurú, Chaco)**

Alejandra Vidal

Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Tecnológicas.

Universidad Nacional de Formosa

[vidal.alejandra01@gmail.com](mailto:vidal.alejandra01@gmail.com)

Un objetivo de esta presentación es brindar una descripción comprensible de la estructura de las expresiones nominales en pilagá, de sus componentes, realización, orden interno y relaciones. En esta lengua, el núcleo nominal está precedido de hasta dos tipos de modificadores, especificador (Especf) y cuantificador (C), aunque seguido también de especificador, cuantificador, adjetivo y frase nominal posesiva o sustantivo en función de aposición. Carece de numerales y los cuantificadores son una clase pequeña. Es muy infrecuente encontrar en el discurso natural una frase nominal que contenga todos esos elementos. El núcleo puede aparecer con marca de posesión, según sea la clase semántica (sustantivo inherentemente poseído o no). Como en otras lenguas amazónicas (Movima, Wari, por ejemplo), en la frase nominal se expresan matices de la localización temporal y espacial de los referentes a través de elementos con función demostrativa.

Los componentes de la frase están en relación de aposición (particularmente, dos sustantivos, cuando hay co-indexación de un mismo referente, *N*,) o de adjunción (cuando la expresión nominal que está contigua al núcleo especifica un atributo o al poseedor de la entidad referida por el núcleo). La relación de aposición ocurre si uno de los dos Ns es un nombre propio y el otro designa un referente humano co-referencial con el primero.

La relación de adjunción, por otra parte, es típica del vínculo sintáctico nombre-adjetivo y nombre-frase nominal ("genitivo"), separados entre sí por un CL o un Dem. Los prefijos posesivos en los sustantivos son paralelos a los prefijos pronominales en los verbos; ambas palabras están plenamente saturadas, los participantes se realizan morfosintácticamente y no necesitan de otros constituyentes que los coindexen.

Un segundo objetivo de este trabajo es evaluar el comportamiento del adjetivo cuando el núcleo lexical está ausente. El sustantivo para el cual un adjetivo funciona como atributo puede omitirse, cuando el referente se recupera del contexto. Otra lectura es que se trate de una relativa sin núcleo, un tipo de predicación secundaria. Se discutirá esta posibilidad mostrando cómo se forman las relativas con antecedente en pilagá.

En tercer lugar, me propongo explorar las diferencias de la estructura de la frase nominal pilagá con respecto de la de otras lenguas del área. Por un lado, los elementos nominales no llevan nunca marca de caso, rasgo que comparten todas las chaqueñas, de la familia lingüística que fuere; por el otro, difieren en la posibilidad de manifestar la relación de concordancia Especf-N, N-Adj.

### **The NP in Cariban: From apposition to a real phrase structure**

Spike Gildea

University of Oregon

[spike@uoregon.edu](mailto:spike@uoregon.edu)

The Noun Phrase appears to be a syntactically weak category in most Cariban languages, with little evidence — either internal or external — of a clear constituent. *External evidence* would be "boundary effects", phenomena that mark the boundary of the NP in some larger unit, such as

phrase-level clitics that mark the beginning or the end of the NP (e.g., the English genitive enclitic = 's), the placement of second-position clitics (e.g., whether they can follow the first element of the NP or whether they are required to follow the entire NP), or placement in syntactic slots with preceding and following units, into which the entire NP must be fit (e.g., the DO slot in English being sandwiched between the verb and some following unit like a PP). *Internal evidence* would come from patterns that might be imposed on the internal structure of a NP, e.g. whether it must have a determiner and if so, in what position. For example, when expanded, the English NP has a great deal of internal structure, with rigidly ordered slots for the determiner, quantifiers, APs, modifying N, HEAD N, and then adverbial modifiers (either adverbs or PPs) and relative clauses. In this paper, I will contrast the categorial status of the NP in Panare (Gildea 1989; Payne 1994; field notes), Akawaio (Caesar-Fox 2003; field notes), Tiriyo/Trio (Meira 1999; Carlin 2004), and Kari'nja (Carib of Suriname; Hoff 1995; Yamada 2010) and propose the hypothesis that a configurational NP may be developing in some languages of the family.

In Panare, there is no evidence, either internal or external, for an extended syntactic category of NP. Internally, the only modifier slot with special status is that of the genitive: the possessor is not case-marked, but the possessed noun is often marked and the possessor must immediately precede the possessed in a rigid constituent, which is identifiable by the usual syntactic tests (cannot change order, cannot insert elements between the two, second-position clitics treat the two as a single unit) and also by phonological properties (the two form a tight prosodic phrase that has consequences for stress assignment). All other modifiers are simply nouns in apposition: demonstrative pronouns, nominalized quantifiers and property words, nominalized adverbs and PPs, or nominalized relative clauses. These elements rarely co-occur in discourse, but when they do, they can come in any order, or even discontinuously. Given that each is independently a noun, any one could serve as the head of a NP with no need to argue for elision of the lexical head; given the discontinuous elements that translate as noun plus modifier, external evidence for the unity of the NP is absent by definition. These same properties largely characterize NPs in the other three languages, as well, and as such probably reconstruct.

The incipient changes are seen first in Tiriyo, where some sequences of nouns (especially demonstrative-N) can be treated by second position clitics as a single constituent. In Akawaio, there is a much higher frequency of demonstrative pronouns preceding head nouns, which begins to look suspiciously like a determiner + head relationship. In Kari'nja, demonstratives appear to be fairly ordinary determiners, occurring as the left edge of most NPs in discourse. The hypothesized next step would be for another sub-category of modifying nouns to be reanalyzed as modifiers to the head N, either property concepts > adjectives, or one of the numerous derived nominals (from quantifiers, adverbs, or PPs) beginning to occur as nominal modifiers without being first nominalized. As a postscript, I will suggest that the development of NP-like structures may be fairly recent, and hence influenced by bilingualism in European languages.

## References

- Caesar-Fox, Desrey C. 2003. *Zauro'nödok Akawaio yau: Variants of Akawaio Spoken at Waramadong*. Houston: Rice University Ph.D. Dissertation.
- Carlin, Eithne. 2004. *A grammar of Trio, a Cariban language of Suriname*. Duisburg Papers on Research in Language and Culture, vol. 55. Frankfurt-am-Main: Peter Lang.
- Gildea, Spike. 1989. *Simple and Relative Clauses in Panare*. Eugene: University of Oregon M.A. thesis.
- Hoff, Berend. 1995. Configurationality and non-configurationality in the Carib language of Surinam. *International Journal of American Linguistics* 61.347-77.
- Meira, Sérgio. 1999. *A grammar of Tiriyo*. Houston: Rice University Ph.D. dissertation.
- Payne, Doris. 1993. Nonconfigurationality and discontinuous expressions in Panare. *Proceedings of the 19th Berkeley Linguistics Society, Special volume on Syntax of Native American Languages*, ed. by David Peterson.
- Yamada, Racquel Maria. 2010. *Speech Community-based Documentation, Description, and Revitalization: Kari'nja in Konomerume*. Eugene: University of Oregon Ph.D. dissertation.

## **A look at the NPs: structural and areal perspective**

Olga Krasnoukhova

Radboud University

o.krasnoukhova@let.ru.nl

This paper presents results of a study of the Noun Phrase structure in a sample of 55 indigenous South American languages. The focus lies on the morphosyntactic and syntactic properties of NPs involving the following four categories of noun modifiers: demonstratives, lexical possessors, numerals, and property words. This paper is centered on the following three issues.

First, I offer some general observations on the internal structure of the NP in the sample languages. The questions are addressed whether the languages have integral NPs, and whether all four types of modifiers show equal degree of cohesion to the head. I will suggest that although the degree of cohesion is highly language specific, *lexical possessors* as modifiers show, in general, more integration with their heads than *demonstratives* as modifiers, which in turn are more often integrated in the NP than *property words* and *numerals*.

Second, I present a number of generalizations about the semantic and morphosyntactic properties of the NPs, taking each of the four modifier categories into account. I will evaluate whether newly available data on South American languages confirm typological claims and tendencies in the NP domain.

Third, I round off the paper with a reflection on the geographic distribution and patterning of some structural features of the NP. The enormous genetic diversity of languages spoken on this continent offers a good opportunity to explore the existence and the extent of areally determined structural patterns. There have been a number of proposals for linguistic areas in South America. Here I will specifically evaluate the assumption that exists in the literature that there is a typological split between the so-called Andean vs. Amazonian languages. Although my observations are made exclusively on the basis of the features in the NP domain, the results contribute to the general knowledge of this issue and challenge some existing assumptions.